



**Universidade de Brasília  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Visuais  
Graduação em Licenciatura em Artes Visuais**

Elisa de Freitas Mendes

**A construção da autonomia no processo de aprendizagem através dos zines -  
uma pesquisa sobre o projeto InfoZine**

Brasília, 2022.

ELISA DE FREITAS MENDES

A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM ATRAVÉS  
DOS ZINES - UMA PESQUISA SOBRE O PROJETO INFOZINE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Dra. María del Rosario Tatiana Fernández Méndez

BRASÍLIA, 2022.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço às professoras e professores do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília, especialmente à professora Dra. Tatiana Fernández, por terem sido um norte nessa jornada da segunda graduação.

Aos meus colegas de graduação, por aprendermos juntos.

Ao programa Residência Pedagógica, em nome da CAPES, por fomentar a formação de professores e professoras deste país, tão carente de educação nos tempos de hoje.

Ao professor Vinícius de Souza e aos estudantes que participaram do InfoZine, em nome de Álisson e Brenda, pela resistência.

Aos parceiros e parceiras zineiros, pela comunidade.

À minha mãe e ao meu pai, pelo carinho e cumplicidade em minhas escolhas, e ao meu irmão Mauro por seguir sempre junto comigo.

Ao Pedro, pelo amor, e Stella, por acreditar em mim.

## RESUMO

Os zines são publicações amadoras, produzidas de forma autoral, sem intermédio de agentes do mercado editorial, sobre os mais variados temas, dentro do interesse pessoal de quem os publica. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) busca analisar o uso do zine nas escolas e suas possibilidades como instrumento pedagógico que pode contribuir no processo de aprendizagem e autonomia dos estudantes. A pesquisa parte de um projeto específico, o InfoZine, realizado em uma escola de Ensino Médio da rede pública de ensino do Distrito Federal, analisando-o por meio de dados coletados e entrevistas com membros participantes. O trabalho apresenta também experiências parceiras e pessoais acerca do uso dos zines em sala de aula, bem como seus desdobramentos.

**Palavras-chave:** Zine; Fanzine; Publicações alternativas; Pedagogia da autonomia; Arte como experiência;

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	6
<b>1. Os zines como instrumento pedagógico</b> .....	13
1.1. O que são zines .....	13
1.2. Os zines em sala de aula - Experiências parceiras .....	17
1.3. O uso do zine na Residência Pedagógica - Um relato pessoal .....	22
<b>2. Desenvolvimento teórico e metodologia</b> .....	28
2.1. Arte como experiência .....	28
2.2. Pedagogia da Autonomia .....	30
2.3. Sobre as metodologias de pesquisa baseadas em arte .....	32
<b>3. InfoZine - O uso dos zines na escola</b> .....	36
3.1 Sobre o projeto InfoZine .....	36
3.2 Conversas com os participantes - dos estudantes ao professor .....	40
3.3 Desdobramentos - até onde pode chegar um zine? .....	46
<b>4. Conclusão</b> .....	52
4.1 Resultados - a materialização da prática artística .....	52
4.2 Considerações finais .....	54
Referências bibliográficas .....	56
Anexos .....	59
Apêndice A .....	62

## Introdução

Com diversas especificidades, o ensino regular de Artes no Brasil pode ser encarado, grosso modo, de duas maneiras. Primeiro, por meio de um entendimento amplo - e que talvez seja mais compartilhado pelo senso comum - de que o ensino das artes nos anos iniciais é sobre deixar a criança soltar a criatividade, passando nos anos posteriores para o ensino de algumas técnicas artísticas e de conteúdos relacionados à história da arte (em sua maioria europeia), sendo encarada dessa forma quase como uma atividade extracurricular, de pouca relevância. Por outro lado, talvez de uma maneira mais complexa e de pouco entendimento para a grande maioria da população escolar, o ensino das artes pode ser visto como um processo de experimentação potente para a construção de identidades e para a promoção de reflexão crítica acerca do mundo a sua volta, permitindo construir conhecimentos que muitas vezes são pouco abordados em outras disciplinas.

A partir deste segundo ponto de vista é que começo a trilhar minha pesquisa para o TCC em Licenciatura em Artes Visuais. Na intenção de criar um campo onde possa refletir sobre essas questões, escolhi um projeto pedagógico específico para pesquisar, o InfoZine. Se trata de um projeto interdisciplinar, proposto pelo professor de Filosofia do Centro de Ensino Médio 01 do Paranoá da rede pública de ensino do Distrito Federal, Vinícius Silva de Souza, que é utilizado como uma ferramenta de ensino proposta para aproximar a filosofia e sua transversalidade<sup>1</sup>:

O projeto InfoZine é uma ferramenta de ensino proposta para aproximar a filosofia e sua transversalidade. Ele nasce da mistura entre um informativo e um fanzine. Isso significa uma representação de uma publicação livre e com linguagem artística sobre o mundo. Assim, essa produção independente é aberta para abordar qualquer assunto, seja relacionado a história em quadrinho, poesia, música, feminismo, cinema ou política. A atividade de produção desse informativo artístico é uma intervenção literária, social e uma possibilidade de fala do estudante dentro do ambiente escolar, pois possibilita pensar criticamente acerca de temas que transpassam seu cotidiano. (SOUZA, 2018, p. 122)

Com base no meu interesse no ensino da arte como experiência, atrelado ao zine como artefato, surgiu a seguinte pergunta de partida: *Como os zines (relacionados com o projeto Infozine do CEM 01 do Paranoá) podem contribuir [e/ou afetar o] no processo de*

---

<sup>1</sup> 7º Diálogo de Ciências Subsecretaria de Educação Básica; Projeto 33 - InfoZine - Centro de Ensino Médio 01 do Paranoá, por Vinícius Silva de Souza; Disponível em: [http://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/7o-dialogo-de-ciencias-2018\\_13dez18.pdf](http://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/7o-dialogo-de-ciencias-2018_13dez18.pdf) ; acesso em 30 de abril de 2021.

*aprendizagem e autonomia dos estudantes do Ensino Médio?* Para responder essa pergunta, ao longo da pesquisa para meu trabalho de conclusão de curso, fiz um levantamento dos estudantes que participaram do projeto, dos professores que se engajaram, e dos zines que foram publicados e quais foram os temas. A partir desse mapeamento, a pesquisa caminhou para uma série de entrevistas, com o professor proponente do projeto InfoZine, e com dois estudantes egressos do projeto. A partir dessa coleta de dados e informações quantitativas e qualitativas, e utilizando a metodologia de pesquisa baseada em arte, analiso o conteúdo produzido pelos estudantes para os zines e, refletindo sobre a arte como experiência, penso sobre este artefato como potencial ferramenta de transformação e construção da autonomia. Por ser um artefato que eu tenho muita intimidade (irei relatar mais adiante), e por acreditar no potencial de autonomia que a produção de um zine proporciona, a pesquisa foi elaborada com o viés da arte e educação no contexto das Artes Visuais, por enxergar nessa categoria um potencial extremamente transformador do sujeito e do coletivo escolar.

Tenho profunda paixão pelos livros e pelos impressos de modo geral, acredito que são itens da maior importância para o processo de aprendizagem e autonomia dos estudantes na educação básica. Por outro lado, acredito que relatar essa pesquisa em meu TCC é um jeito de contribuir para o legado do próprio projeto InfoZine, bem como ampliar a base de dados de pesquisas relacionadas aos zines como instrumento pedagógico no Brasil.



Edições do InfoZine e grupo de estudantes do CEM 01 do Paranoá na produção dos fanzines

Além disso, pretendo com essa pesquisa dialogar com a literatura existente sobre o conceito de zine e sobre o uso dos zines nos processos de aprendizagem no ensino básico no Brasil. No campo teórico, duas obras são norteadoras para essa pesquisa: “A Arte como

Experiência” de John Dewey e “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire. Dewey para embasar minha reflexão da arte como instrumento transformador no cotidiano dos estudantes, como experiência única da humanidade, e Freire para trazer a discussão para o campo social e político de nosso país, enxergando na educação a verdadeira chave para os processos de autonomia e liberdade do indivíduo e, conseqüentemente, do coletivo. Como pequena contribuição, acredito que primeiro de tudo, o desenvolvimento desse trabalho será de extrema importância para o registro e análise do InfoZine, afirmando a relevância do projeto dentro da rede pública de ensino do DF, e que merece ser lembrado e usado como exemplo. Além disso, poderá servir como material de pesquisa sobre objetos de aprendizagem em artes, sobre o uso dos zines no ensino regular, sobre o processo de construção de autonomia a partir da produção autoral dos zines, sobre o processo de aprendizagem utilizando os zines como ferramenta, e gerar reflexões acerca da produção de zines como um parâmetro interdisciplinar da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), entre outras contribuições.

É importante pontuar que, ainda que o projeto InfoZine seja realizado na cadeia da Filosofia, é claramente um artefato artístico, pois toda a sua linguagem passa por um despertar para um conteúdo elaborado dentro do campo das Artes Visuais. Portanto, boa parte da reflexão feita pelos estudantes ao produzirem os zines, é uma reflexão do campo do pensamento artístico, pois as questões vão sendo geradas e resolvidas no fazer, na prática da confecção do artefato, e levadas adiante para discussões futuras.

### *Trajetória pessoal*

Antes de caminhar para os conceitos que embasaram as discussões neste TCC, é relevante que apresente aqui a minha proximidade com o universo dos zines. Conheci este artefato ainda na adolescência, por meio do meu contato com o universo do punk rock, feminismo, vegetarianismo e política. Era ainda comum nessa época, no final dos anos 1990 e começo dos anos 2000, a produção de zines sobre bandas, de conteúdos políticos, e feitos de uma forma muito simples e rudimentar, com colagens, textos, desenhos e a máquina de xerox como aliada. Me encantei ali, cheguei a produzir alguma coisa, mas passado o fervor da adolescência, nunca mais folheei um zine, até 2011. Já formada em minha primeira graduação (em Ciências Sociais), migrante em São Paulo, trabalhando na área de Comunicação, e produzindo paralelamente fotografias e outras produções artísticas, me deparei com um cenário curioso de um início de movimentação de feiras e eventos de publicações independentes - termo que abarca uma infinidade de produções gráficas e



impressas, entre elas, o zine. Essa descoberta despertou meu interesse novamente pelos zines e vi nesse objeto a possibilidade de produzir e divulgar os meus próprios trabalhos artísticos. Comecei então, em 2012, a publicar meus fotozines, chegando a criar uma pequena editora para isso. Foram bons anos de produção, de feiras, vendas, trocas e todo um cenário que hoje me parece impossível de acontecer. Ao longo desses intensos e ricos anos, que de certa forma se encerraram com o início da pandemia da Covid-19, participei de muitos eventos, grandes e pequenos, e toquei uma vida paralela com a editora, sendo convidada para ministrar cursos, participar de exposições, entre outros eventos.



Feira Sacolão - Venda e troca de fotografia, em dezembro de 2019, na CAL, Brasília



Feira Plana no Pavilhão da Bienal, em São Paulo, 2017



Feira DENTE, no Conic, em Brasília, em 2016

Aproveito o momento para falar um pouco mais da minha experiência pessoal com os zines como instrumento de aprendizado. O primeiro grande momento que tive contato com essa possibilidade foi em 2015, quando fui convidada para ministrar uma oficina, seguida de

exposição, na instituição Solar Meninos de Luz<sup>2</sup>, no morro do Cantagalo no Rio de Janeiro. Com um grupo de cerca de 15 crianças entre 9 e 12 anos, foram três dias de oficina de zines, onde todas as crianças presentes desenvolveram um zine autoral e também um coletivo de toda a turma, com a possibilidade de fazermos diversas cópias de cada zine na máquina de xerox da instituição. Nas semanas que antecederam a oficina, realizei uma exposição de zines na galeria da instituição, para que as crianças tivessem um contato prévio com esse suporte antes de produzi-lo.



Exposição “Zines - Cópias e Impressões”, realizada no Solar Meninos de Luz (RJ), em abril de 2015.

Após a oficina, os zines produzidos pelos estudantes também fizeram parte da exposição, sendo incluídos na galeria com os demais zines em exibição. Foi realizado um evento de abertura, onde as crianças puderam apresentar para seus amigos e familiares as suas próprias produções. Foram apenas alguns dias, sem nenhuma intenção de virar professora, mas que realmente movimentaram algo em mim, abrindo um horizonte de possibilidades entre o fazer, o ensinar e compartilhar com esses estudantes. Horizonte que talvez tenha me trazido até aqui, aos 37 anos, em minha segunda graduação. Percebi nesse

---

<sup>2</sup> O Solar Meninos de Luz é uma organização civil, filantrópica, que promove educação integral, cultura, esportes, apoio à profissionalização, cuidados básicos de saúde e de assistência social às famílias com maior nível de desestruturação das comunidades do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, o Rio de Janeiro.

pequeno evento um caminho para possibilidades transformadoras no processo de construção de autonomia dessas crianças.

Passado alguns anos, já na graduação em Licenciatura em Artes Visuais, tive outras oportunidades de utilizar o zine como recurso pedagógico. Na disciplina Estágio Supervisionado em Artes Plásticas 2, ministrei algumas aulas no Ensino Fundamental Anos Finais, no Centro de Ensino Fundamental GAN. Elaborei um planejamento de aulas sobre zines, onde os alunos produziram seus próprios zines e os apresentaram na feira cultural da escola. Recentemente, como residente bolsista da Residência Pedagógica, subprojeto Artes Visuais, ministrei oficinas na Sala de Recurso de Artes Visuais do Atendimento Educacional Especializado (AEE) para Altas Habilidades/Superdotação da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), no Centro de Ensino Médio Elefante Branco, e utilizei o zine como recurso, com grande sucesso. Realizamos oficinas básicas de confecção de zines para, posteriormente, trabalharmos a ideia de criação de personagem, usando o zine como suporte (irei relatar mais sobre esta experiência adiante). Além dessa experiência formal, ministrei oficinas de zines para alunos do ensino fundamental da Fercal junto com alunos da graduação em Comunicação da UnB, a convite dos professores da disciplina Comunicação Comunitária. Ministrei oficinas de zines para alunos da graduação em Licenciatura em Filosofia da UnB, que estavam fazendo estágio supervisionado com o professor Vinícius Silva de Souza, do projeto InfoZine. E, por fim, em duas oportunidades, dei oficinas de fotozines no Espaço Cultural f508 em Brasília.

Penso que após essa breve introdução, a caminhada pelo desenvolvimento dos conceitos e entendimento da escolha do tema como local de pesquisa para meu trabalho de conclusão de curso se torne agora mais clara e faça mais sentido - um sentido também mais íntimo e pessoal, ao me colocar como sujeito desta pesquisa.

## 1. Os zines como instrumento pedagógico

### 1.1 O que são zines

Ao longo de minha pesquisa para o TCC, irei chamar parte do meu material de fanzine, zine ou publicação independente, opções que considero servir adequadamente para dar nome aos produtos editoriais que fãs, estudantes, artistas, produtores e editores independentes têm criado ao longo desses anos. Por hora, irei escolher o termo “fanzine” para explicar esse conceito, pois ele assinala fortemente como tudo isso começou, como uma revista feita por fãs e para fãs de artistas, bandas, filmes e outros produtos e eventos culturais.

Mas, afinal o que é um fanzine? Segundo Magalhães (1993), fanzines são publicações amadoras, semelhantes a revistas, produzidas de forma autoral, sem intermédio de agentes do mercado editorial, sobre os mais variados temas (música, política, artes em geral, etc.), dentro do interesse pessoal de quem os publica, “o fanzine é uma publicação alternativa e amadora, geralmente de pequena tiragem e impressa artesanalmente” (MAGALHÃES, 1993, p. 08).

O universo dos fanzines abrange os mais variados temas e inúmeras técnicas e suportes. De forma bastante sucinta, um fanzine é um livreto impresso ou em formato digital, editado e produzido por uma pessoa, sem fins comerciais necessariamente, com intuito de divulgar conteúdos políticos, artísticos, musicais, assuntos do cotidiano, entre outros ou apenas expor suas ideias e seus trabalhos, sejam eles em formato gráfico (desenhos colagens, fotografia, etc.) ou de texto. Inicialmente, os fanzines eram produzidos em pequena escala em mimeógrafos<sup>3</sup> e, posteriormente, com o avanço tecnológico e a redução dos custos dos sistemas de impressão gráfica, começaram a surgir publicações feitas em fotocopiadoras e impressoras offset, que possibilitaram um melhor uso de imagens e ilustrações. Com a popularização dos computadores, o trabalho ficou ainda mais dinâmico, permitindo a criação de formatos mais diversificados, utilização de cores e agilidade na montagem dos fanzines.

O cenário descrito por Magalhães (1993) mudou bastante desde então. No entanto, ainda é possível pensar o modo de produção de um fanzine a partir do que o autor propõe como elementos de um fanzine: a escolha do tema, o público, o formato, o volume, a tiragem e a periodicidade. É da própria natureza do fanzine não ter regras claras de como ele deve ser

---

<sup>3</sup> Mimeógrafo é uma copiadora à base de álcool e foi um instrumento muito utilizado em escolas para fazer cópias de papel escrito em pequenas tiragens de provas e trabalhos escolares. O mimeógrafo funcionava com uma folha matriz de estêncil e carbono com o conteúdo a ser replicado, colocada em um rolo compressor com álcool e uma folha branca para copiar o conteúdo original.

feito, mas é possível mapear a produção de fanzines ainda hoje de acordo com esses elementos.

Os fanzines surgiram na década de 1930, nos Estados Unidos, com publicações amadoras de ficção científica. Cunhado por Russ Chauvenet (um dos criadores da *Science fiction fandom*, uma comunidade de fãs de ficção científica), o termo “fanzine” só nasceu na década seguinte e é um neologismo formado pelas junções das palavras *fanatic* e *magazine*, na língua inglesa (MAGALHÃES, 1993). No entanto, para alguns autores, o fanzine tal como conhecemos hoje apareceu na década de 1970, em parceria com o movimento *punk* na Inglaterra e nos Estados Unidos, tema que será tratado mais adiante. Ainda de acordo com Magalhães, um dos pioneiros nos estudos das publicações amadoras no Brasil, o primeiro fanzine documentado foi o *The Comet*, feito por Roy Palmer para o *Science Correspond Club*, em 1930 nos Estados Unidos. Os produtores desses primeiros fanzines eram leitores apaixonados por revistas de ficção científica e, ao produzirem o seu próprio material, criaram um círculo de troca mais intensa entre os leitores por meio de correspondência entre os fãs do gênero.

A ideia rapidamente se espalhou para outros cantos do mundo. A Inglaterra, muito embora seja mais reconhecida pela vasta produção de fanzines punks a partir dos anos 1970, também possui documentadas publicações de ficção científica em meados dos anos 1930. Nas primeiras décadas desde o seu surgimento, a propagação dos fanzines se deu de forma desordenada, sem uma organização que permitisse classificá-los como um movimento cultural unificado. Foi a partir dos anos 1960 que a produção de fanzines, juntamente com a criação de clubes, grupos e associações dedicadas a este tipo de publicação, criou um corpo mais sólido. Pode-se destacar alguns trabalhos que ficaram mais conhecidos no meio dos fanzines, como o *Xero*, publicação feita em mimeógrafo, editada por Dick Lupoff e Pat Lupoff entre 1960 e 1963, nos Estados Unidos, dedicada à ficção científica e histórias em quadrinhos, com ensaios, artigos, poesias e desenhos (MAGALHÃES, 1993).

Em 1962, na França, o Club des Bandes Dessinées criou o boletim *Giff-Wiff*, que mais tarde se tornaria uma revista encorpada de 23 números. Em 1964 surge o *Zine-Zone*, editado por José Fayos, na França, que divulgava publicações estadunidenses como o *The Comic Crusader*, fanzine de histórias em quadrinhos produzido por Martin Greim, que divulgava o trabalho do cartunista Steve Ditko, famoso por criar em 1962, ao lado de Stan Lee, o super-herói Homem-Aranha e grande parte dos coadjuvantes da série. Ainda em território francês, também na década de 1960, Jacques Glénat lança o boletim *Schtroumpf* (MAGALHÃES, 1993), que inicialmente era voltado para a crítica das histórias em

quadrinhos e posteriormente transformou-se em uma revista de divulgação de autores e fanzines de outros países, desenhos inéditos e reedição de clássicos europeus, com um público consumidor considerável para a época. Em Portugal, o primeiro fanzine documentado é *O Melro*, lançado em 1944 por José Garcês. Diferente dos trabalhos publicados nos Estados Unidos, Inglaterra e França, o autor produzia apenas um único exemplar do fanzine colorido à mão, destinado a ser alugado entre os seus colegas. *O Melro* teve 21 edições dessa forma e, em 1945, passou a ser editado em litografia<sup>4</sup>, com 50 exemplares impressos pelo próprio Garcês, também coloridos à mão à medida que eram vendidos.

Talvez o formato mais conhecido de “fanzine” ainda seja aquele das publicações relacionadas à subcultura punk surgidas nos Estados Unidos e na Inglaterra no começo dos anos 1970. As revistas amadoras sobre esse gênero do rock foram inspiradas nos zines da comunidade de fãs de ficção científica, mencionados anteriormente. Baseada na ideologia do “faça-você-mesmo” (tradução do movimento *Do It Yourself*), que se consolidou dentro do movimento punk como uma resposta ao consumo capitalista crescente, os fanzines punks eram produzidos de forma bastante simples e voltados para temas relacionados a música e política, em sua maioria.

Em Holtzman, Hughes e Meter (2007) há uma boa definição do termo “faça-você-mesmo”. Segundo os autores, é a ideia de que você mesmo pode executar atividades que normalmente são reservadas a empresas, isso vai desde publicar o seu próprio material impresso, lançar seu próprio trabalho musical, confeccionar a própria roupa, até organizar coletivos de ações políticas, em suma, é uma ideia que surgiu por aqueles que questionavam o sistema capitalista e buscaram outras formas de se organizar dentro dele.

Um dos zines que fizeram história nessa categoria é *Who Put The Bomp!*, de Greg Shaw (TRIGGS, 2010), que posteriormente se tornou dono de selos de discos especializados em rock. Editado nos Estados Unidos entre 1970 e 1979, o fanzine se dedicou a publicar artigos sobre bandas, resenhas de discos e colunas. Uma das publicações mais emblemáticas entre os zines de punk foi a revista *Punk* (TRIGGS, 2010), fundada em Nova Iorque em 1976 por John Holmstrom, Ged Dunn e Legs McNeil. O fanzine popularizou a palavra punk e foi responsável por associar o termo a bandas como The Ramones, The Stooges e New York Dolls. *Punk* foi publicada entre 1976 e 1979 e teve em destaque em suas capas nomes como Lou Reed, Sex Pistols, Blondie e Patti Smith. Na Inglaterra, um dos nomes mais famosos

---

<sup>4</sup> Litografia ou litogravura é um tipo de gravura que envolve a criação de marcas (ou desenhos) sobre uma matriz de pedra calcária ou com um lápis gorduroso.

entre os zines punk é o *Sniffin' Glue* (PERRY, 2000) - inspirado na música “Now I Wanna Sniff Some Glue” dos Ramones - , lançado em Londres, em 1976, por Mark Perry. A publicação mensal durou cerca de um ano e reunia fotografias, textos e informações da cena punk.

Ainda no cenário dos fanzines punks, vale destacar a intensa produção do movimento punk feminista Riot Grrrl nas décadas de 1980 e 1990 (GREEN, 1997) nos Estados Unidos. Com temáticas feministas, os fanzines tinham um foco político e visualmente se assemelhavam aos zines punks, feitos com colagens e “xerocados”<sup>5</sup>. Além de temas como ativismo, sexualidade e direitos das mulheres, os zines também destacavam as bandas de mulheres da cena, como Bikini Kill, e incentivavam que mais mulheres aprendessem a tocar e ocupassem o cenário do punk rock e hardcore.

Os zines foram de extrema importância para espalhar ideias políticas e a política do *faça-você-mesmo*, que é um dos pilares do movimento punk e também da cultura das publicações independentes. Segundo Holtzman, Hughes e Meter (2007), uma das principais formas de divulgar as ideias do *faça-você-mesmo* através do movimento punk foi com a produção de zines. As pequenas revistas sem fins comerciais surgiram como um veículo de comunicação entre as diferentes cenas do punk e, posteriormente, se expandiu para um ambiente de debate, onde as pessoas daquela cena tinham a liberdade de discutir questões raramente abordadas pela grande mídia.

Esse breve percurso pela história dos fanzines nos mostra que esse tipo de publicação, seja ela uma forma de propagar um fazer político ou apenas entretenimento, possui em sua essência a busca pela autonomia de criação. A liberdade para colocar no papel ideias que interessavam aos produtores na primeira metade do século XX segue sendo um dos principais motivadores para a produção dos fanzines atualmente. Para Magalhães (2009), o editor de fanzine tem como uma das principais características a autonomia, “mais que uma postura de passividade e contemplação do objeto de culto, própria do fã, o que caracteriza o editor de fanzine é sua atitude proativa, sua necessidade de interação e investigação” (MAGALHÃES, 2009, p. 103).

---

<sup>5</sup> Termo popular para fotocópias, que se popularizou através da marca Xerox de fotocopadoras.



## *1.2 Os zines em sala de aula - Experiências parceiras*

Pensar sobre os zines como recurso pedagógico não é uma tarefa inédita e muito menos original. Existem hoje no Brasil dezenas de artigos sobre o uso deste artefato em sala de aula e, por mais diversas que sejam essas experiências, há algo em comum que pude notar ao pesquisar e ler esse material, que é a mágica (na falta de uma palavra melhor) da descoberta de poder fazer algo tão simples, mas tão potente e autoral. Acredito que essa “mágica” está presente na possibilidade de concluir uma produção artística e rapidamente poder distribuí-la para seus pares, é simples assim. Diferente da produção de um desenho, ou de uma pintura, a confecção de um zine já pressupõe que será finalizado e passado adiante, pelo simples fato de ser facilmente fotocopiado (“xerocado”) e também pela natureza do próprio zine: a intenção genuína de passar uma ideia, mensagem, conteúdo ou informação para o outro. Naquelas poucas páginas, construídas de forma muitas vezes despreziosa, o estudante pode se enxergar através do outro, se sentir valorizado ao saber que está sendo escutado e apreciado, e tudo isso é feito por meio da troca. Justamente por isso que, para além de proporcionar um ambiente que instigue os estudantes a produzirem seus próprios zines, uma parte muito importante desse processo é permitir que essa produção seja minimamente distribuída e compartilhada com a comunidade escolar. A distribuição é um dos pontos diferenciais do projeto InfoZine, que irei relatar com detalhes mais adiante. Como diz Maranhão:

Ao realizar um zine, parte do que se pensa sobre si e acerca dos outros está materializada através de um imbricado jogo de bricolagem que comporta elementos estéticos e textuais. Com a distribuição de zines, o autor se dá à prova, se abre para o desconhecido, se dá ao diálogo com o leitor, trata-se da potência socializadora existente nos zines. (MARANHÃO, 2012, p. 61)

Outro ponto relevante ao pensarmos o zine como instrumento pedagógico é compreendê-lo como um artefato transgressor, que está à margem dos impressos convencionais - tais como os livros publicados por editoras, jornais e revistas de grandes veículos, etc. E é justamente por estar nesse lugar que o uso dos zines na educação incentiva que os estudantes busquem informações por conta própria, uma vez que são eles mesmo que irão produzir os conteúdos a serem publicados. O estudante precisa ser visto então como um pesquisador de seus próprios interesses, criando assim outros entendimentos de mundo a partir de sua produção autoral, conforme aponta Nascimento:

O fanzine, como prática social e cultural resultante da iniciativa de pessoas que estão envolvidas numa atividade cultural ou artística que está à margem do que se oficializou como meio de comunicação impressa (jornais, revistas, etc.), e que na maioria das vezes está a serviço de um “poder”, propicia no âmbito educacional, o desenvolvimento da capacidade dos educandos de pesquisar informações relevantes, levantar um olhar crítico sobre o cotidiano ou dos conteúdos programáticos das diversas disciplinas, além de produzir um material de comunicação que expresse suas ideias, incorporando a união de desenhos e outras imagens tomadas de outros meios, enfatizando a relação entre estes e destacando soluções criativas. Portanto, a prática zinesca veicula formas de aprender, construindo e reconstruindo saberes que potencializem o poder de intervir como sujeitos pensantes no meio sociocultural. (NASCIMENTO em MUNIZ, 2010, p. 125)

Esse caminho nos indica a importância da ideia de autoralidade e, conseqüentemente, autonomia que a produção dos zines pode proporcionar, e essas ideias estão completamente atreladas, em oposição, ao modo de produção padronizado em nossa sociedade, onde alguns poucos criam as ideias e outros muitos apenas as executam. De acordo com Pinto (2020, p. 15), “a autoralidade é uma questão muito importante no sentido que o indivíduo através da confecção de um fanzine torna-se o autor de sua obra e amplia sua expressão individual, indo no caminho inverso aos padrões criados pela sociedade industrial”. Essa ideia está conectada à própria história dos zines, conforme mencionada anteriormente, do poder transformador do conceito de *faça-você-mesmo*. No entanto, de modo geral, não é uma prática tão comum em sala de aula incentivar esse espírito de autonomia nos estudantes.

Por um lado, o trabalho com fanzine permite que os estudantes assumam seu papel de sujeitos desse processo e se envolvam com mais entusiasmo em um projeto que cada dia se torna mais autônomo. Por outro lado, ainda carece de maior divulgação nos meios educacionais as várias possibilidades do fanzine como recurso pedagógico. (NASCIMENTO, em MUNIZ, 2010, p. 132)

Selecionei três exemplos de projetos parceiros ao InfoZine, com semelhanças enquanto experiência pedagógica, que ilustram alguns dos conceitos expostos até aqui. O primeiro ocorreu no Ceará<sup>6</sup>, na cidade de Itapipoca, como parte do *Programa Novos Talentos*<sup>7</sup>, na ocasião do encontro entre a professora universitária Renata Queiroz Maranhão, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), duas alunas bolsistas voluntárias, e alunos e professores de escolas públicas da cidade (MARANHÃO, 2012, p. 91), e tratou-se de uma experiência no formato de oficina de “fanzinagem”, nas palavras da própria autora. Segundo

---

<sup>6</sup> Destaco aqui a relevância do Estado do Ceará na pesquisa sobre o uso dos fanzines como instrumento pedagógico, principalmente a Universidade Estadual do Ceará e a Universidade Federal do Ceará, em nome das pesquisadoras Cellina Muniz e Renata Queiroz Maranhão.

<sup>7</sup> Programa aberto pela CAPES/DEB, em edital contemplado no ano de 2010, que visava fornecer incentivo financeiro às instituições de ensino superior que pretendiam formar multiplicadores em práticas pedagógicas que incrementaram a formação de alunos e professores de escolas da rede pública de ensino.

Maranhão (2012), a cultura dos zines era pouco conhecida na cidade, tendo sido utilizada como ferramenta pedagógica por apenas três professores, entre ensino médio e graduação, ela considera ainda que a quebra desse desconhecimento sobre fanzines ganhou força a partir de eventos relacionados à oficina proposta na ocasião. Primeiro, foram distribuídos zines nas escolas participantes para divulgar a oficina, em segundo lugar, foi publicado na revista *Pense!*<sup>8</sup> um artigo sobre o uso dos zines em sala de aula e, por fim, a participação de alunos e professores na oficina de fanzinagem. A oficina ocorreu nas dependências da universidade, com duração de 40h de produção e distribuição de zines, no intuito de sensibilizar a comunidade escolar para a formação de grupos de zines nas escolas. Foram convidados todos os estudantes e professores de ensino médio das escolas parceiras, chegando a um número de inscritos superior a 50, no entanto, ao se concretizar a oficina, o número total de participantes regulares foi de 28. O desafio maior encontrado pelas mediadoras da oficina foi criar condições para que um grupo tão heterogêneo pudesse sair dessa experiência coletiva com alguma produção, para isso, a saída encontrada foi escolher um tema comum, que movimentasse a todos os presentes, pensaram então em “os sujeitos e a cidade”. No primeiro dia de oficina, experiências e expectativas foram levantadas, seguido de debate sobre o tema proposto e apresentação do que é um zine e a importância dessa prática do ponto de vista da educação, sociabilidade e protagonismo social. A conversa em grupo caminhou para a seguinte pergunta: em que momento você descobriu que a cidade era sua? E a partir daí os primeiros exemplares de zines foram produzidos na oficina. No segundo dia de oficina, o grupo foi surpreendido com duas novas alunas, que se sentiram motivadas a participar após o relato de um colega da escola que estava presente no primeiro dia. Partiram então para a montagem e finalização dos bonecos<sup>9</sup> e no dia seguinte, parte do grupo se dirigiu até a fotocopadora, para realizar o processo de produção dos zines e, posteriormente, a “linha de montagem” dos artefatos. Zines prontos, foi feito um momento de leitura e apreciação do que havia sido produzido, foi quando as mediadoras puderam identificar uma série de erros de ortografia e gramática, dificultando a mensagem que queriam passar. Em grupo, foram sugeridas correções, que podiam ser acatadas ou não pelo autor, mas o mais relevante dessa experiência, foram as discussões sobre a escolha ou não do erro, a liberdade na produção, e o caminho do erro para a construção do conhecimento, geradas a partir desse processo, segundo a autora. Outro ponto relevante que destaco dessa oficina é a noção de que a criatividade e o

---

<sup>8</sup> Publicação gratuita patrocinada pelo governo do Estado do Ceará e que tem como público alvo agentes educacionais envolvidos diretamente na promoção do ensino fundamental e médio.

<sup>9</sup> Edição original de um fanzine, que serve como modelo para as cópias, também chamado de matriz do fanzine.

estilo autoral são produtos dos processos de experimentar a criação de algo, exercitado pela repetição, ou seja, “quanto mais produzo algo, mais vou me diferenciando, criando estilos, descobrindo minhas afinidades e sendo capaz de construir outras” (MARANHÃO, 2012, p. 103). Após a finalização desse primeiro zine, foi decidido coletivamente criar um nome para uma série de zines que seriam produzidos, nasceu então o zine “Pipoca”, sobre as pessoas e/na cidade de Itapipoca. Os desdobramentos da oficina surgiram rapidamente, com alguns alunos já produzindo seus zines fora do curso, outros discutindo sua relação com a cidade a partir do que foi dito em outros zines e professoras relatando o entusiasmo de utilizar a ferramenta em sala de aula. Ao final da oficina, os zines produzidos foram distribuídos entre pessoas do círculo social dos alunos e também pela cidade, em praças e outros pontos, prática que a autora considera de enorme importância para o fechamento dessa atividade em grupo.

Outro exemplo parceiro que destaco ocorreu na capital de São Paulo, na comunidade de Heliópolis, mais precisamente na EMEF Presidente Campos Salles, sob mediação do professor de educação física Renato Donisete Pinto, entre os anos de 2009 e 2012 (PINTO, 2020). Primeiramente, vale destacar que essa escola passou por um processo de transformação em seu projeto pedagógico desde meados de 1990, se concretizando em 2005, fortemente influenciado pela Escola da Ponte de Portugal<sup>10</sup>, e se aproximou também das lideranças da comunidade, que acabaram norteando as ações e atividades da escola em dois princípios: escola como centro de liderança na comunidade onde está inserida, tudo passa pela educação, autonomia, responsabilidade e solidariedade. Foram elaborados roteiros de estudos para os estudantes, seguidos de tarefas a serem desenvolvidas e, no caso de dúvida, buscar soluções primeiro em grupo, com outros colegas, e depois com o professor. O professor passou então a ser um orientador nesse processo de buscar soluções. Para a disciplina de Educação Física, que irei tratar aqui, grandes adaptações precisaram ser feitas para se encaixar nessa nova proposta. Segundo Pinto (2020, p. 30), na busca de roteiros de estudo com qualidade e que além dos conhecimentos e vivências específicas da área também se articulassem com o seu entorno, no caso com a comunidade de Heliópolis, foi desenvolvido o Caderno de Estudos de Educação Física, este caderno nada mais é que um fanzine produzido pelo professor da área, com a colaboração dos estudantes, a respeito dos temas específicos do componente curricular. Trata-se de um zine simples, de quatro páginas, contendo capa do caderno do mês, a série e o título do tema a ser abordado, história e

---

<sup>10</sup> Instituição pública de ensino localizada em Portugal, no distrito do Porto, e dirigida pelo educador, especialista em música e em leitura e escrita, José Pacheco. A Escola da Ponte é conhecida por abandonar as classes divididas por anos escolares, responsabilizar os alunos e professores pelo funcionamento da escola, trabalhando sempre na construção da autonomia do estudante, compreendendo o porquê e para quê estudar.

introdução ao tema trabalhado e seu desenvolvimento, finalização do desenvolvimento do tema, referências do tema que foi pesquisado e questões para estudo. O zine é fotocopiado na própria escola a partir da matriz original e muitas das contribuições dos estudantes surgem por meio de desenhos que ilustram as edições.

Por último, o terceiro exemplo parceiro é o Projeto Zine Itinerante, que buscou sintonizar a cultura zineira e o jornalismo ao processo de ensino-aprendizagem em turmas do Ensino Médio do Centro de Ensino Professor Edinan Moraes, situado em Imperatriz, no Maranhão<sup>11</sup>. Para realizar o projeto, as propositoras escolheram as técnicas de Educomunicação que, segundo as autoras, é uma área do conhecimento que busca pesquisar, criar e pensar maneiras de trabalhar na elaboração e execução de vários projetos dentro dos ambientes escolares formais e informais, especialmente dos países latinoamericanos (BEZERRA e MEDEIROS, 2016, p. 04). A escola de atuação foi escolhida a partir da disponibilidade em receber projetos extracurriculares, estrutura e garantia para a reprodução dos zines, além de ser parte da rede pública de ensino e que abrangesse o Ensino Médio, para trabalharem com estudantes de 15 a 16 anos de idade. Desde a implementação do projeto, formação da comunidade escolar e produção dos zines, o processo durou um ano e um mês, entre 2015 e 2016. Inicialmente, apenas uma turma iria participar da experiência, mas conforme a demanda foi surgindo, o projeto abarcou diversas salas dos três anos do Ensino Médio. O norte do projeto foi trabalhar com a elaboração de fanzines a partir da produção de conteúdo dos estudantes, que elaboraram textos sobre temas variados, abordados ou não em sala de aula. O objetivo é que os estudantes praticassem a escrita, desenvolvendo uma consciência crítica sobre os temas que estavam sendo estudados, e também compartilhar suas ideias com os demais grupos de estudantes da escola. Por meio de oficinas que dialogavam com as disciplinas da grade regular curricular da escola, os estudantes foram provocados a criar um meio de comunicação para o público jovem, e para isso foi escolhido o zine. Ao todo, foram produzidos nove zines com metodologias que variaram entre parceria com os educadores, por iniciativa própria dos estudantes e a partir de mobilizações das salas de aula. O projeto trabalhou por meio de algumas diretrizes e etapas, começando com planejamento, sensibilização e produção, e partindo para a avaliação e lançamento dos zines. Entre as produções, as autoras destacam as edições do *Educazine*, por ter sido o meio de expressão dos alunos criado para divulgar assuntos de interesse estudantil, juntando discentes do

---

<sup>11</sup> Artigo “Projeto Zine Itinerante: educomunicação semeando a autonomia na escola”, de Lanna Luiza Silva Bezerra e Yara Medeiros, da Universidade Federal do Maranhão, apresentado no XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Caruaru (PE) em 2016.

primeiro ao terceiro ano, ressaltando que as técnicas da produção jornalística e de zines apresentam um potencial de desenvolver a autonomia dos indivíduos na escola. Alguns temas foram escolhidos de forma estratégica, tais como o processo de ocupação das famílias do MST em terras da União, o negro na mídia, a Guerra de Canudos, a Lei das domésticas, drogas e repressão, entre outros. A produção do *Educazine* ocorreu no formato de laboratório, para que os alunos participantes compreendessem a estrutura de cada gênero jornalístico, nas sugestões de pauta já eram definidos os gêneros que seriam trabalhados em cada tema, portanto, na prática os estudantes perceberam como ocorre o processo de construção de entrevistas, relatos, charges, fotografias para ilustrar notícias, o uso da terceira pessoa pelo redator da matérias, entre outros processos. Diferentes disciplinas também trabalharam com o zine em sala de aula ao longo do projeto, foi o caso da professora de biologia, que apresentou conteúdos de anatomia e ecologia, relacionando-os com a realidade e conhecimento dos estudantes, surgiu então daí a proposta de criar o *Biozine* e o *Visão Jovem da Realidade*. Após as oficinas e produção dos zines, a última etapa foi a distribuição no pátio da escola, que contou com a produção de cartazes para o evento de lançamento e também, segundo as autoras, despertou a atenção dos participantes que essa seria a primeira ação organizada por eles para a comunidade escolar, e isso impulsionou toda a disposição de montagem desse momento, denominada por eles como a “intervenção zineira”.

### *1.3 O uso do zine na Residência Pedagógica - Um relato pessoal*

Conforme já mencionado na introdução deste trabalho, acredito ser de grande relevância apresentar o meu percurso no universo dos zines como instrumento pedagógico. Uma das experiências que gostaria de destacar ocorreu no âmbito do Subprojeto Artes Visuais componente do Projeto Residência Pedagógica<sup>12</sup> da Universidade de Brasília, que tive a satisfação de participar como bolsista da CAPES nos últimos semestres de minha formação. Sob a coordenação das professoras Dra. Rosana de Castro e Dra. Thérèse Hofmann, ambas do Departamento de Artes Visuais (VIS), do Instituto de Artes da UnB, o projeto se estendeu ao longo dos anos de 2020-22 com um grupo de dez residentes. Tivemos a oportunidade de desenvolver um plano pedagógico de longa duração na Sala de Recurso de Artes Visuais do

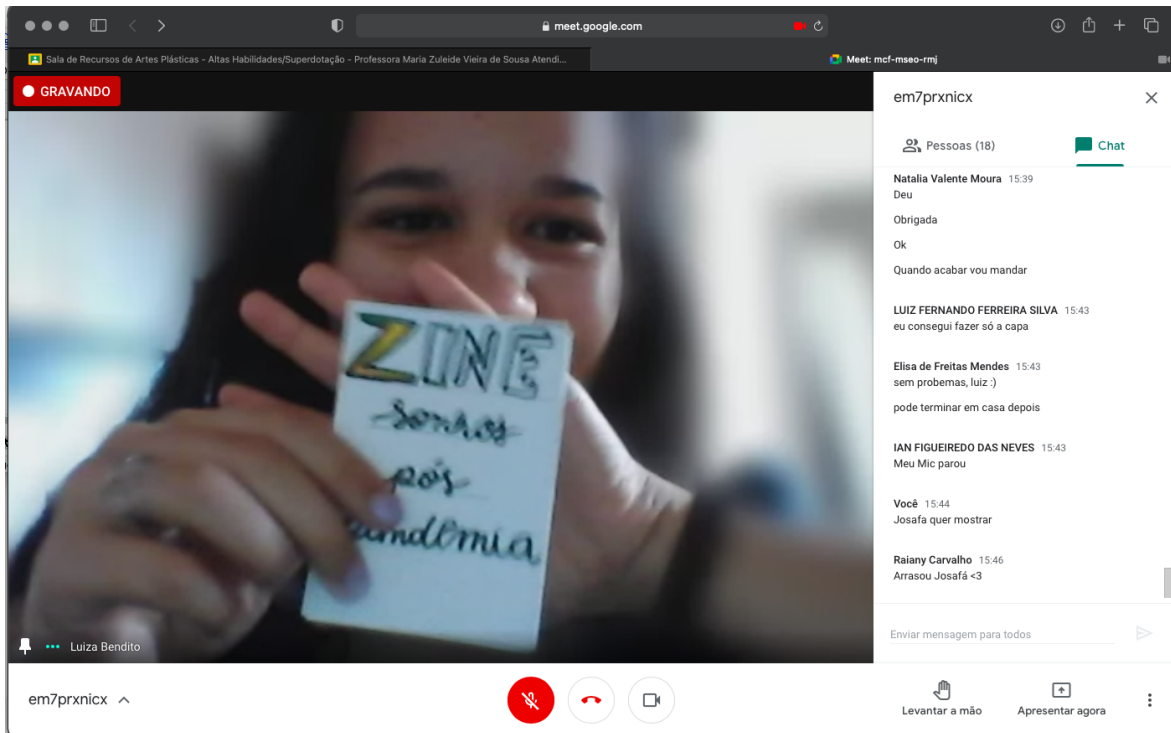
---

<sup>12</sup> O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica> ; Acesso em 22 de abril de 2022.

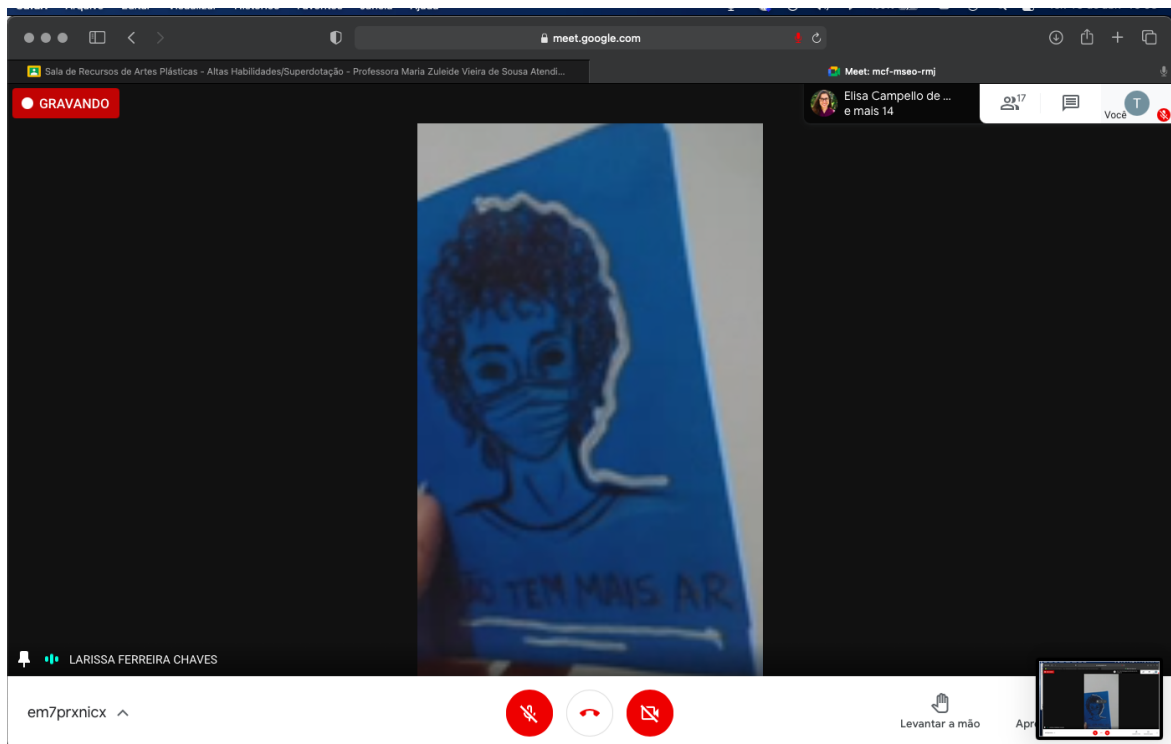
Atendimento Educacional Especializado (AEE) para Altas Habilidades/Superdotação da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, localizada no Centro de Ensino Médio Elefante Branco (CEMEB), em meio às condições sanitárias impostas pela pandemia da Covid-19, ou seja, todo o projeto se desenvolveu de forma remota.

A turma abrangia estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio, entre 9 e 18 anos de idade aproximadamente, de diferentes escolas públicas - e inclusive alguns de escolas particulares, encaminhados para a rede pública nesse caso específico - todos com um profundo interesse nas linguagens das artes visuais, as quais destaco o desenho, pintura, arte digital e animação. A sala de recursos funciona com encaminhamentos, ou seja, algum professor ou membro da escola deve encaminhar o estudante para a sala, ou pais e responsáveis devem sinalizar o interesse do encaminhamento para a direção da escola. São considerados estudantes com altas habilidades em artes aqueles que apresentam, de forma sistemática e constante, um interesse e habilidade acima da média pelas artes (visuais, cênicas, música ou dança) tanto no campo teórico, mas principalmente no campo da prática, produzindo enquanto artistas em formação. O projeto se desenvolveu por meio de encontros semanais no formato virtual, onde elaboramos oficinas práticas, respeitando as limitações de material, além de breves momentos de conteúdo teórico.

A primeira vez que apresentamos o conceito de zine para os estudantes foi na oficina “Zine Confinado (ou Caderninho confinado)”, onde primeiro apresentamos o que é um zine por meio de conceitos teóricos, representações visuais e os próprios zines, de variados formatos e propostas. Vale mencionar que nenhum estudante estava familiarizado com o termo, o que não impediu em nada o andamento da oficina. Após a apresentação, foi proposto que eles mesmo elaborassem os seus zines, para isso ensinamos uma dobradura mais simples de oito páginas, utilizando apenas uma folha A4. Como ainda estávamos no primeiro semestre de 2021, sugerimos que eles trabalhassem em seus zines sobre o tema do confinamento em casa, uma vez que todos estavam sem poder ir para a escola de forma presencial (e muitos completamente isolados em suas casas com as famílias). O resultado foi surpreendente, considerando a mediação da tela do computador e o fato dos estudantes nunca terem visto um zine antes. Tiveram ótimas produções, que renderam posteriormente em conversas sobre o estado de isolamento em que todos nós nos encontrávamos, em maior ou menor medida. Ao final dessa oficina de duas horas de duração, muitos dos estudantes estavam empolgados e satisfeitos com o resultado, principalmente pela possibilidade de criar algo tão simples, mas que gerou tanta conversa e debate entre todos os colegas.

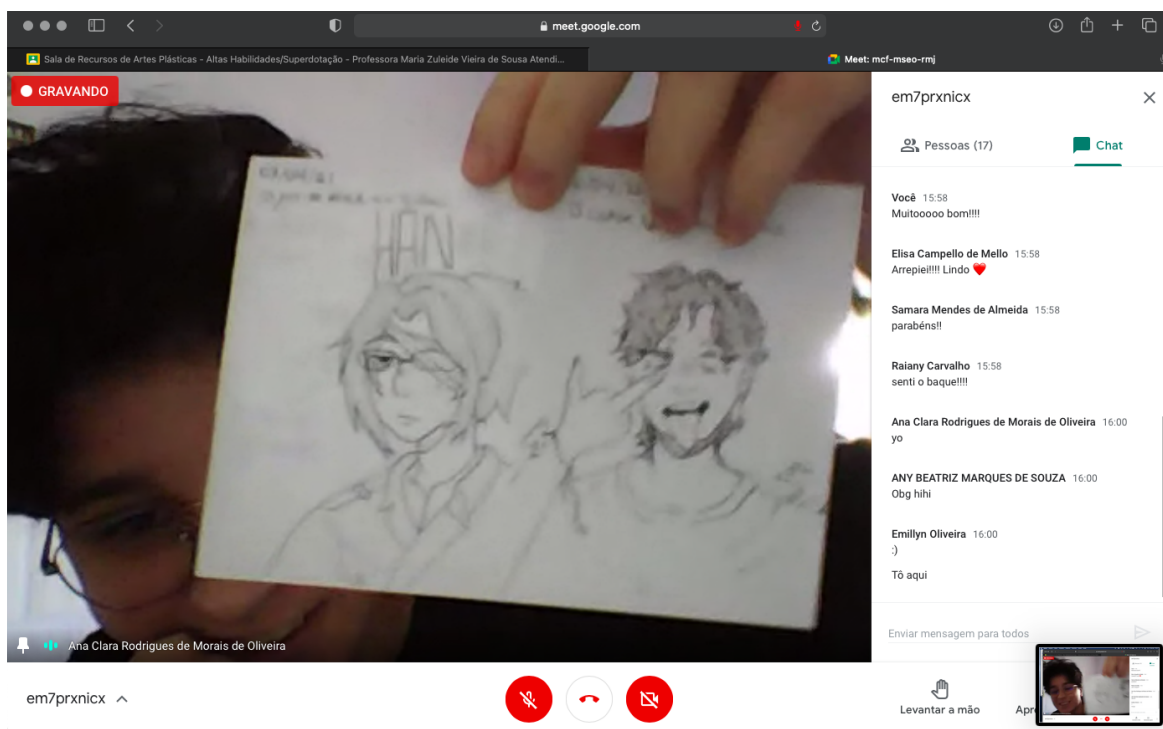


Oficina “Zine Confinado” na Sala de Recursos em Altas Habilidades, no CEMEB; abril de 2021.

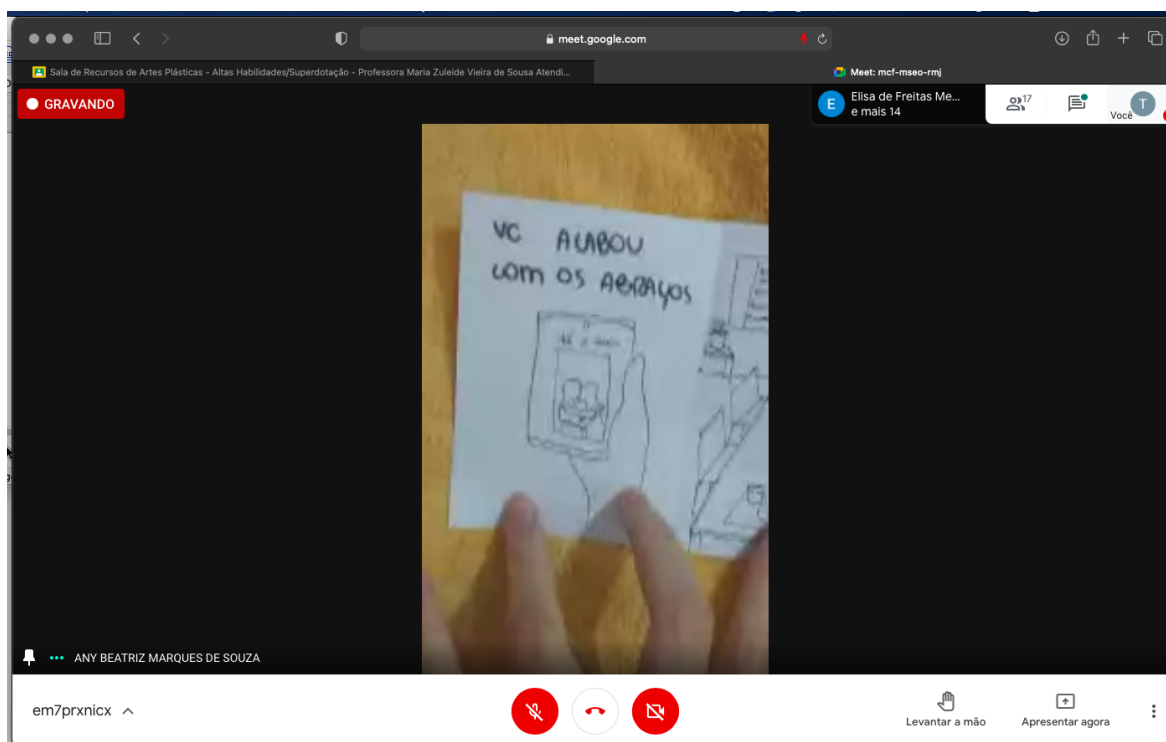


Oficina “Zine Confinado” na Sala de Recursos em Altas Habilidades, no CEMEB; abril de 2021.



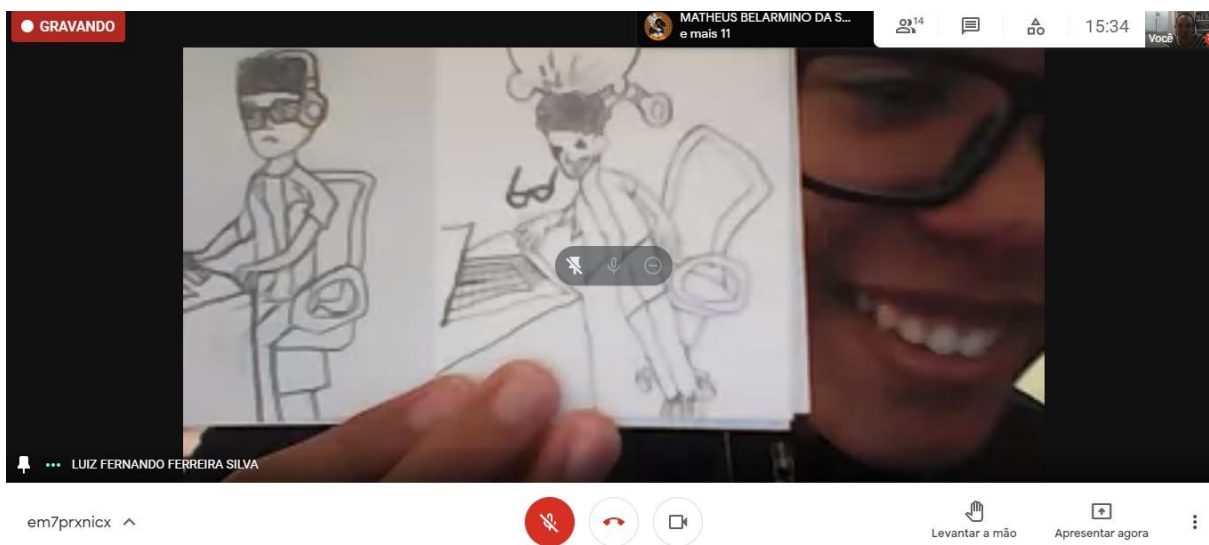


Oficina “Zine Confinado” na Sala de Recursos em Altas Habilidades, no CEMEB; abril de 2021.

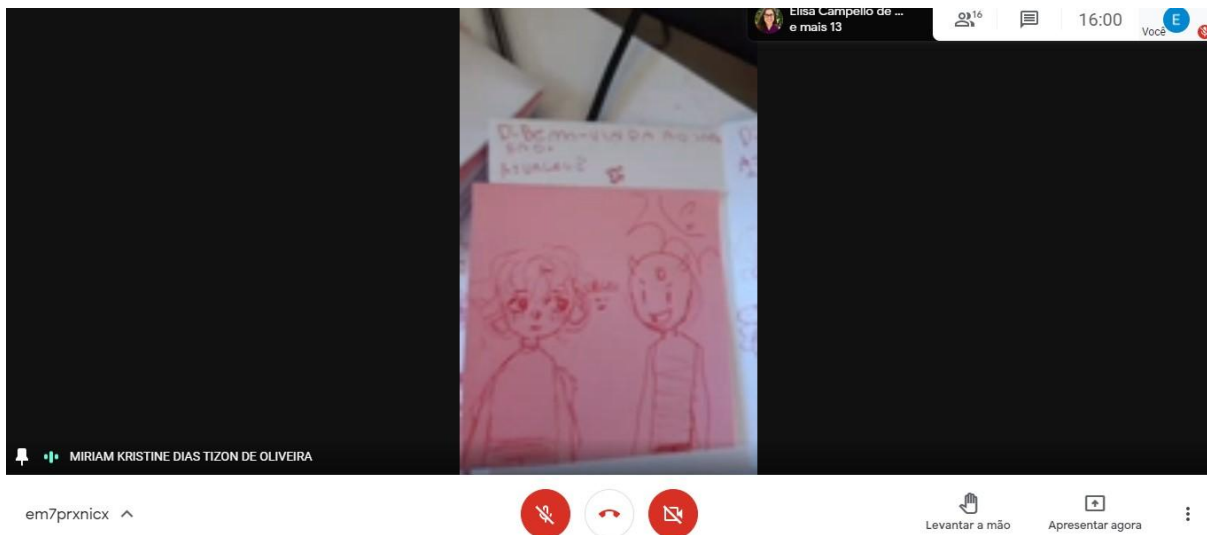


Oficina “Zine Confinado” na Sala de Recursos em Altas Habilidades, no CEMEB; abril de 2021.

Após esse primeiro contato com os zines, ministramos uma série de três oficinas de criação de personagens e construção de narrativas, utilizando o zine como suporte para a produção. A partir do interesse dos estudantes pelo universo dos personagens de filmes, histórias em quadrinhos, jogos digitais e animes japoneses, foi proposto que eles próprios criassem seus personagens a partir de perguntas norteadoras propostas pelas residentes e, uma vez elaborado esse personagem, que desenvolvessem uma pequena narrativa visual (e também textual para aqueles que sentiam necessidade) desse personagem criado. Foi sugerido que utilizassem o zine como suporte para essa produção, com intuito de concluir essa sequência de oficinas com um produto finalizado. Novamente, o resultado foi impressionante, tanto no processo de criação de personagens e narrativas, mas principalmente perceber como eles incorporaram o zine como suporte para as suas produções de forma tão rápida e espontânea.



Oficina de criação de personagem e construção de narrativa na Sala de Recursos em Altas Habilidades, no CEMEB; maio de 2021.



Oficina de criação de personagem e construção de narrativa na Sala de Recursos em Altas Habilidades, no CEMEB; maio de 2021.

Posteriormente a essas oficinas mencionadas, o zine apareceu de forma despreocupada em algumas outras oficinas, sendo utilizado como recurso de linguagem por alguns estudantes em outras atividades e produções. Destaco aqui como desdobramento a reverberação no processo de construção da autonomia dos estudantes que os zines podem proporcionar, um bom exemplo da Sala de Recursos. Ocorreu em 2021 uma semana de atividades culturais na escola de uma das alunas, onde estudantes poderiam se voluntariar para darem oficinas ou fazerem apresentações culturais, e essa aluna ofereceu uma oficina de zine para os colegas de sua escola, inspirada na oficina da Residência Pedagógica. De forma remota, ela explicou o conceito de zine, apresentou alguns modelos e sugeriu que os colegas produzissem os seus próprios. Destaco esse exemplo, pois é a prova de como esse artefato tão simples pode iniciar um processo tão interessante na aprendizagem dos estudantes e na construção da autonomia.

Experiências parceiras como as mencionadas aqui, bem como a experiência que tive no projeto da Residência Pedagógica, são ainda pouco comuns na rede de ensino público no Brasil, porém, ao longo dessa pesquisa, pude encontrar algumas outras semelhantes, que utilizaram o zine como ferramenta pedagógica e, principalmente, que buscaram neste artefato uma forma de possibilitar caminhos para o processo de construção da autonomia por parte dos estudantes, reafirmando a ideia de Paulo Freire que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2021, p. 24).

## 2. Desenvolvimento teórico e metodologia

### 2.1 A Arte como experiência

Dando continuidade aos conceitos que irei abordar em minha pesquisa, utilizo a obra “Arte como Experiência”<sup>13</sup>, do filósofo John Dewey, considerado um dos maiores pensadores norte-americanos do século XX. Além desta obra, a contribuição de Dewey ao sistema de educação é extensa, ele foi precursor da prática docente focada no estudante como sujeito do processo de ensino-aprendizagem, que deve se basear em conhecimentos e problematizações prévias do discente. Voltando à obra mencionada, compreendo a arte como um campo de reflexão, como um pensamento humano, tal qual enxergamos o pensamento científico, é uma forma de entender e compreender o mundo, uma forma estética de compreensão, e não só uma prática do fazer artístico, por isso, me apoio nos conceitos de Dewey para uma melhor base teórica desta pesquisa. Na visão do autor, não só a criação artística é estética, o próprio pensamento é:

O pensador tem seu momento estético quando suas ideias deixam de ser meras ideias e se transformam nos significados coletivos dos objetos. O artista tem seus problemas e pensa enquanto trabalha. Mas seu pensamento se incorpora de maneira mais imediata ao objeto. Em função do caráter comparativamente remoto de seu fim, o trabalhador científico opera com símbolos, palavras e signos matemáticos. O artista desenvolve seu raciocínio nos meios muito qualitativos em que trabalha, e os termos ficam tão próximos do objeto que ele produz que se fundem diretamente com este. (DEWEY, 2010, p. 78)

Dewey propõe que não há arte sem o entendimento de que a ação, o fazer, permite o trânsito do não ser para o ser, pensamento essencial para o conceito de experiência. O fazer humano se manifesta na forma da brincadeira quando criança, se transformando em jogo e posteriormente em trabalho, porém, não o trabalho como entendemos no modelo capitalista, mas o trabalho como uma forma de experiência estética, dessa forma, a atividade artística não deve ser uma experiência opressiva, mas liberta, autônoma e prazerosa. Sendo assim, compreender a arte como experiência, tal como propõe Dewey (2010), significa compreender de uma forma abrangente que a arte não se separa da vida. Me utilizo então desse conceito para refletir sobre como um fazer artístico, nutrido de um pensamento estético, pode

---

<sup>13</sup> A obra é o resultado de uma série de conferências realizadas pelo filósofo em 1931 na Universidade de Harvard, publicada pela primeira vez em 1934 como “The later works of John Dewey”, e foi traduzida recentemente para a língua portuguesa. DEWEY, John. A arte como experiência. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

contribuir para a construção da autonomia e visão crítica dos estudantes que se engajam na produção de um artefato como o zine.

A partir da perspectiva da educação, a experiência surge como uma prática fundamentada na ação, sobre as consequências da ação de estar no mundo, inserido em uma sociedade e sob as condições sociais em que nos encontramos. Então é essa ação do estudante no mundo que irá nortear a prática pedagógica em sala de aula, gerando reflexões sobre essas experiências e, posteriormente, criando conhecimento, que surge a partir da resolução dessas reflexões - e possíveis problemas. O conhecimento não pode então surgir isolado do mundo que nos cerca, necessita de outras experiências para chegar em boas soluções, trabalhando em equipe entre estudantes e professores. As ideias de Dewey podem ser observadas na prática do InfoZine, conforme irei relatar mais detalhadamente no próximo capítulo, mas o ponto principal é que o projeto só funcionou, existiu e desdobrou-se a partir de uma organização coletiva, que valorizou e respeitou as experiências individuais de cada estudante que contribuía com as edições dos zines e que, ao mesmo tempo, só teria como existir de forma comunitária. As somas de todas aquelas pequenas contribuições individuais só passaram a fazer sentido como experiência por meio do artefato do zine editado, publicado e distribuído na escola.

O conceito de arte para Dewey (2010) fica claro ao longo da obra e é relevante para este trabalho. Para afirmar seu ponto de vista, ele separa o que são as belas-artes do conceito de arte que ele está interessado em abordar. Compreender a experiência estética artística apenas pelo caminho das belas-artes significa separar o trabalho prático da experiência, ou seja, considerar apenas o que está posto na história da arte como *Arte* - europeia, branca, masculina, civilizada. Essa compreensão da arte por meio das belas-artes é na verdade uma característica da sociedade moderna, que entende o trabalho prático como algo duro, desprazeroso, e a experiência estética como o momento de prazer e desfrute. Para Dewey (2010), a experiência estética da arte está nas coisas cotidianas e não somente nos museus e galerias, pois essa experiência não pode ser distanciada da vida e dos processos do viver. Essa é a potência que o autor enxerga na arte, não nas obras em si, no reconhecimento enquanto Arte, mas na competência de manter viva a experiência. Para Dewey, a arte “é uma variedade da experiência, e não uma entidade em si” (DEWEY, 2010, p. 558).

Voltando para o objeto de estudo desta pesquisa, se pensarmos os zines a partir dos conceitos complexos que Dewey nos traz, podemos compreender esses artefatos como veículos para a experiência estética que o autor propõe. O uso dos zines em sala de aula permite que o estudante elabore um pensamento artístico a partir da prática, do fazer e, tendo

essa experiência como ponto de partida, diversas outras reflexões irão surgir, muitas sequer previstas ou planejadas pelo professor.

## *2.2 A Pedagogia da Autonomia*

O uso dos conceitos de Paulo Freire são norteadores primordiais em minha pesquisa. Justifico o uso e necessidade do autor lembrando alguns de seus preceitos. A prática educativa, que segundo Freire deve ser crítica e progressista, deve partir da ideia de que ensinar não é transferir conhecimento (FREIRE, 2021), conforme citado anteriormente. Ensinar então deve ser uma troca, dessa forma, acredito que meu interesse em pesquisar os zines como instrumentos pedagógicos vá ao encontro do que Freire deixou como legado de sua obra, pois permite que os estudantes criem por conta própria, em um ambiente favorável à construção do processo de autonomia, gerando novos conhecimentos e reflexões. No livro “Pedagogia da Autonomia”, publicado em 1996, Freire apresenta diversos saberes necessários à prática educativa voltada para a liberdade e autenticidade dos sujeitos, alguns dos quais irei ressaltar aqui em diálogo com a presente pesquisa sobre o zine como instrumento pedagógico: ensinar não é transferir conhecimento; ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo; não existe ensino sem pesquisa; e ensinar exige reflexão crítica sobre a prática.

Antes de pontuar esses saberes que destaquei, há um conceito nesta obra de Freire que perpassa por todo o texto e é importante compreendermos para seguir adiante, é o conceito de ensinar a pensar certo:

(...) ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. (...) Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. (FREIRE, 2021, p. 28)

Se pensar certo implica em não estarmos tão certos assim de nossas certezas (FREIRE, 2021), podemos partir para os saberes acerca da prática educativa. Ao longo de sua vasta obra, Freire sempre frisou sua descrença com a prática educativa que enxerga os

estudantes como meros repositórios de conteúdo, onde o professor encara o aluno como uma caixa vazia que vai sendo preenchida com conhecimento, prática esta que ele denominou de “educação bancária”. Essa prática de ensino é ainda muito presente nas salas de aula da rede pública e cabe ao educador atento proporcionar ferramentas para que o educando consiga escapar minimamente desse sistema. Para Freire:

O necessário é que, subordinado, embora, à prática “bancária”, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o “imuniza” contra o poder apassivador do “bancarismo”. (FREIRE, 2021, p. 27)

Um dos motivos pelos quais o projeto InfoZine se consolidou no CEM 01 do Paranoá foi justamente esse gosto por aventurar-se em novos lugares e saberes. Conforme veremos mais adiante nas entrevistas com estudantes egressos do projeto, o trabalho que os alunos tiveram no InfoZine escapou ao método burocrático de ensino, do professor passando um conteúdo e estudantes tentando aprender alguma coisa. Para a criação dos zines, foi preciso que os estudantes se apresentassem ativamente, buscando conteúdos interessantes sobre determinados temas, criando formas de expressar uma ideia ou sentimento e se responsabilizando pelo produto final que entregavam à comunidade escolar. Todo esse processo de criação surge no caminho oposto ao que seria uma educação “bancária”, o estudante necessariamente precisa se aventurar para que o projeto aconteça.

Outro saber que destaco é que ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo, ou seja, de nada adianta o professor propor ou exigir certas práticas, ou mesmo conteúdos, se em sua ação nada disso é percebido. Nas palavras de Freire (FREIRE, 2021, p. 35): "Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo". Nesse caso, o professor e suas práticas surgem como um norte para o projeto, e toda a afirmação da educação para a liberdade e autonomia precisa ser percebida para além da ideia de que os estudantes também podem tomar suas decisões, fazerem suas escolhas. Apenas abrir o caminho para que o aluno faça o que quiser, não é o suficiente para uma prática educativa voltada para a autonomia. Os estudantes precisam enxergar no educador essa prática da liberdade - dos direitos e deveres - como um fazer constante na relação aluno-professor, e não somente em alguma atividade extracurricular.

Outro ponto de reflexão importante é pensar o ensino atrelado à pesquisa. Ao longo da vida acadêmica, por meio de projetos, elaboração de artigos e trabalhos de conclusão de

curso, aprendemos a pesquisar sozinhos. No entanto, essa prática é pouco comum na vida escolar, que prioriza quase sempre o método de “transferência” de conteúdo. Para Freire, porém, não existe ensino sem pesquisa, e pesquisa sem ensino, e por isso essa prática deveria acontecer desde sempre na escola. Se pensarmos sobre o uso dos zines nesse sentido, é notável seu potencial como ferramenta de fomento à pesquisa, uma vez que o próprio estudante será o responsável por produzir um conteúdo verbo-visual para o seu produto final, e para isso é necessário que se inicie um processo de pesquisa sobre o tema, sobre a linguagem, sobre o que já foi dito sobre o tema, referências textuais e visuais, entre outros. Para Freire:

Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2021, p. 30)

Por fim, outro saber dentre tantos na obra de Freire que destaque é que ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. Produzir algo e jogar no mundo simplesmente, também não é o bastante para a jornada do aluno, é preciso um momento de reflexão sobre aquilo que se está fazendo. Para Freire (FREIRE, 2021, p. 39), “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. Nesse sentido, novamente voltando ao projeto InfoZine, a reflexão crítica surge em sala de aula, em conversas no ambiente escolar e em desdobramentos do projeto dentro da comunidade escolar do DF, com debates que surgem a partir dos temas de cada edição do zine, com a participação em feiras de ciências e culturais e com o engajamento dos estudantes em apresentar o projeto para seus colegas, com a intenção de dar continuidade ao projeto, bem como de aprimorá-lo a cada edição.

### *2.3 Sobre as metodologias de pesquisa baseadas em arte*

Primeiramente, antes de pensar sobre as pesquisas baseadas em arte, é preciso refazer um curto percurso pelo conceito de arte, bem como pelas provocações entre arte e ciência no campo das metodologias de pesquisa e produção de conhecimento. Entenderemos aqui a arte como um pensamento anterior, que antecede à ciência e o pensamento científico, entenderemos a arte como uma linguagem e o artista como pesquisador nato, que caminha por lugares onde a ciência não alcança, utilizando formas de conhecer o mundo que são



próprias do campo das artes e da experimentação. No entanto, é também preciso pontuar que o conceito de *Arte* tal como é entendido, é um conceito europeu-branco e que não se conecta necessariamente com outros povos, o conceito de arte não é universal – a relação estética com o mundo, essa sim pode ser considerada universal. É na modernidade que surge a ideia de ciência, e é também nesse momento que algumas correntes do pensamento humano passam a unir arte e estética, quando na verdade a estética nada tem a ver com beleza, e sim com o sensível ao mundo. Em diálogo com Dewey, Fernández Méndez aponta que:

Deve-se lembrar que a experiência estética como compreendida por Dewey é muito mais do que estética e se amplia a toda experiência extraordinária, não só às peças consagradas pelo sistema da arte. A arte não poderia acontecer se a experiência estética se autolimitasse a uma determinada prática. Por outra parte, acontece independente da concepção de um nome e de uma filosofia para ela. É importante notar nesta altura que isto não significa que a experiência estética possua uma essência permanente e universal, mas que todos podem ter experiências estéticas em todo tempo e lugar e de múltiplas maneiras. A estética é princípio organizacional do pensamento e da vida de todas as culturas. A estética moderna ocidental é uma entre muitas outras. (FERNÁNDEZ MÉNDEZ, 2015, p. 94)

Acerca das possíveis comparações que surgem ao pensarmos no diálogo entre arte e ciência – ou melhor ainda, entre pensamento artístico e pensamento científico – vale ressaltar que a arte é um espaço de entendimento do humano, tanto para quem a produz quanto para o espectador, e não possui compromisso com a verdade, o que não a impede de se tornar produção de conhecimento. Diametralmente diferente da pesquisa científica, a pesquisa baseada em arte não possui um caminho definitivo e por isso se baseia na experimentação de possibilidades, na abertura para o desconhecido, na incompletude. Se pensarmos na tradição positivista e em todos os conceitos de infalibilidade e verificação que estão pressupostos na pesquisa científica, percebemos que a ciência está sempre buscando provas para comprovar que algo está certo (ou errado) e a garantia de que esses caminhos encontrados podem ser replicáveis por outros pesquisadores. Já no campo da pesquisa em arte, há um campo expandido dos conhecimentos.

De forma mais prática e aplicada ao âmbito da pesquisa acadêmica, Dias e Irwin (2013) nos apresentam um panorama da Pesquisa Baseada em Arte (PBA) e a Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA), que colabora para um melhor entendimento de onde a pesquisa em arte se encontra nesse momento. Nas últimas décadas, as academias norte-americanas e europeias vêm tentando compreender a produção artística como uma forma de pesquisa acadêmica, o que está intimamente conectado ao conceito de PBA e PEBA, aos quais irei me ater aqui. Segundo Dias:

O argumento-chave para essas metodologias é que elas, ao enfatizarem a produção cultural da cultura visual, rompem, complicam, problematizam e incomodam as metodologias normalizadas e hegemônicas que são aquelas que estabelecem, formatam, conduzem, concebem e projetam o conceito de pesquisa acadêmica em artes, educação e arte/educação. A PBA e PEBA buscam deslocar intencionalmente modos estabelecidos de se fazer pesquisa e conhecimentos em artes, ao aceitar e ressaltar categorias como incerteza, imaginação, ilusão, introspecção, visualização e dinamismo. (DIAS, 2013, p. 23)

Ao pensarmos as pesquisas dessa natureza, é importante reconhecer que são também um ato criativo, é uma pesquisa que se baseia em caminhar sobre o desconhecido. Nesse sentido, ressalto o conceito de “vivificação”, de Patti Lather (apud DIAS e IRWIN, 2013), onde talvez o mais importante dentro desses tipos de pesquisa seja viver o percurso da pesquisa, perceber quando o fazer artístico se torna pesquisa, quando se torna dado, e perceber que não pretende verificar nada, diferente do que ocorre nas metodologias de pesquisas científicas. A PBA e a PEBA são metodologias posicionadas, ou seja, a visão de mundo do pesquisador está ali e, justamente por isso, elas surgem a partir de uma falta de adequação dos discursos acadêmicos hegemônicos, que não abarcam as peculiaridades das pesquisas baseadas em arte. No entanto, vale ressaltar aqui que essas pesquisas não estão somente ligadas à linguagem artística, isto é, usar linguagens artísticas em sua pesquisa não a torna necessariamente uma metodologia de pesquisa baseada em arte. Podemos pensar no seguinte exemplo para compreender melhor, um biólogo, pesquisador de botânica, pode usar recursos artísticos tal como o desenho para ilustrar a sua pesquisa com plantas, porém, em última instância, segue sendo uma pesquisa científica sobre plantas.

Ainda nessa caminhada sobre as pesquisas baseadas em arte, Dias e Irwin (2013) apresentam o conceito de *A/r/tografia* como sendo uma das práticas da Pesquisa Educacional Baseada em Artes. Esse conceito surgiu na Faculdade de Educação da Universidade da Columbia Britânica (UBC, Canadá). Essa palavra-desenho engloba os conceitos de Artist (artista), Researcher (pesquisador), Teacher (professor) e Graph (grafia: escrita/representação), criando um indivíduo híbrido, que desempenha múltiplos papéis. Segundo Dias:

Ao colocar a criatividade à frente no processo de ensino, pesquisa e aprendizagem, a *a/r/tografia* gera insights inovadores e inesperados ao incentivar novas maneiras de pensar, de engajar e de interpretar questões teóricas como um pesquisador, e práticas como um professor. O ponto crítico da *a/r/tografia* é saber como desenvolvemos inter-relações entre o fazer artístico e a compreensão do conhecimento. (DIAS, 2013, p.24)

Com esse breve apanhado do que podem ser as pesquisas baseadas em arte, partimos então para o objeto de estudo do presente trabalho, o zine. A partir do projeto InfoZine, irei apresentar como esses conceitos atravessam a prática da edição-publicação-distribuição, mais especificamente, a produção do zine como uma prática de pesquisa baseada em arte e como isso pode se tornar um instrumento de aprendizagem em sala de aula. Como podemos pensar o zine como recurso pedagógico e de aprendizagem a partir da pesquisa baseada em artes?

O que o zine pode nos trazer de conhecimento? Como podemos produzir uma pesquisa a partir da produção de um fanzine? Tendo a PBA em mente, pude pensar o zine como uma forma de conhecer o mundo, por parte de quem os produz e também por parte de quem recebe um zine em mãos. É próprio da pesquisa em arte caminhar sobre o desconhecido, e acredito que tenha sido exatamente este um dos processos que instigaram a produção de zines, uma das metodologias utilizadas pelo professor e estudantes no projeto InfoZine.

E quando a vivência se torna pesquisa? O desafio se torna ultrapassar a análise formal dos objetos de arte, para construir uma pesquisa em arte, viva. Ao executarmos um projeto de pesquisa *através* do zine os caminhos são significativamente mais abertos do que pelo caminho da pesquisa através do texto somente. Uso aqui o recurso do texto como algo que se aproxima do pensamento científico, e o fanzine como algo que se aproxima do pensamento artístico e, portanto, voltando àquela dialética entre pesquisa hegemônica e normativa, em contraponto à uma pesquisa baseada em arte, viva.

Então, tanto este presente trabalho de conclusão de curso, como também a produção de fanzines em sala de aula, podem se relacionar com as metodologias de pesquisa baseadas em arte. Muito embora para a produção do TCC, que envolve uma série de coordenadas acadêmicas, que passam pela pesquisa qualitativa, no sentido de estudar um determinado objeto social, localizado em um local e tempo específicos, e analisado sob perspectivas sociais e teóricas pré-determinadas, há ainda espaço para outras metodologias de pesquisa, ainda mais se tratando de um trabalho no campo da educação em Artes Visuais. Pensando a partir da produção de zines em sala de aula, fica ainda mais evidente a incorporação de metodologias baseadas em arte. Se considerarmos o zine como um artefato artístico onde a pesquisa ocorre no ato de sua produção, que envolve a investigação sobre um certo tema, a busca por referências visuais e textuais, a edição do conteúdo, a disposição da apresentação desse conteúdo e a distribuição desse material e suas possíveis repercussões a partir do que foi produzido.

### 3. InfoZine - O uso dos zines na escola

#### 3.1 Sobre o projeto InfoZine

Conheci o projeto InfoZine em 2018, quando participei da Feira Dente<sup>14</sup>, realizada no Conic, em Brasília. Estive presente expondo meus fotozines com minha editora e tive a sorte de estar ao lado da mesa do projeto. Fui rapidamente capturada por aqueles zines tão simples e de tamanha riqueza de conteúdo, produzidos por estudantes do ensino médio. Foram dois dias de feira, onde tive a oportunidade de conversar com o seu realizador, Vinícius Silva de Souza, professor de Filosofia da rede pública de ensino do DF. Além dele, conheci também na ocasião alguns estudantes que participavam do projeto na época e estiveram presentes na feira para expor seus trabalhos e falar um pouco mais sobre essa experiência. Conforme relatei anteriormente, já havia tido algum contato com os zines no universo do aprendizado, e conhecer assim de surpresa um projeto todo voltado para isso, foi enriquecedor.



Mesa do projeto InfoZine na Feira DENTE de 2019, no Espaço Cultural Renato Russo, em Brasília.

A proposta do projeto InfoZine é criar um espaço de fala dos estudantes, em diálogo com o mundo à sua volta. O projeto é norteado por alguns objetivos, que são proporcionar aos estudantes compreensão sobre a importância da diversidade em sua amplitude,

<sup>14</sup> DENTE é um coletivo de produção de eventos voltados às publicações independentes e autorais. A Feira de Publicações, principal produção do coletivo Dente, é uma feira nacional e anual, que acontece em Brasília (DF) desde 2015.

desenvolver o trabalho em grupo valorizando o diálogo com os colegas, e valorizar a atividade como um ato de reflexão sobre o mundo e o cotidiano escolar (SOUZA, 2018, p. 123). Nas aulas de Filosofia do ensino regular, o professor propunha alguns temas para serem discutidos e, posteriormente, abordados no zine de forma livre pelos estudantes, podendo utilizar a linguagem que achassem melhor, entre texto, desenho, colagem, tirinhas, etc. A participação no projeto InfoZine se dava de forma voluntária, sendo uma atividade extracurricular, e foi gerido pelo professor e por estudantes do Ensino Médio, alguns deles também membros do grêmio da escola. Os assuntos e problemas abordados ao longo das atividades eram diversos, tais como gravidez na adolescência, racismo, bullying na escola, reconhecimento dos povos indígenas, liberdade, entre outras temáticas de relevância para o debate atual. Todos os alunos do Ensino Médio eram convidados a contribuir com o conteúdo do zine, muito embora a maior adesão se dava por aqueles que eram alunos e alunas das turmas do professor Vinícius. Semanalmente, os estudantes mais engajados do projeto se reuniam no contra turno escolar para produzir a matriz do zine mensal, era o momento de reunir o material produzido pelos demais colegas e trabalhar na edição do conteúdo. A seleção de conteúdo que iria constar no zine era proposto e decidido pelos próprios estudantes, que também eram responsáveis pela confecção e distribuição mensal do informativo na escola. As atividades do projeto eram realizadas em encontros quinzenais, na biblioteca da escola. Em termos operacionais, o recurso humano para a produção do material vinha dos próprios estudantes, dos residentes de PIBID<sup>15</sup> da licenciatura em Filosofia da UnB e do professor orientador, já o recurso financeiro (que é muito baixo, cerca de 10 centavos por cópia do zine) vinha dos próprios estudantes, que se reuniam para bancar a publicação mensal, além das eventuais venda dos zines em feiras, tal como ocorreu na Feira Dente.

O projeto proporciona um ambiente de troca muito rica entre os estudantes, além de reforçar um comportamento colaborativo na tomada de decisões, alinhando o interesse de todos por assuntos variados e trazendo reflexões sobre esses temas. Gera ainda um debate na escola, mesmo por parte daqueles que não participam do projeto, uma vez que o zine é distribuído por lá. Proposto dessa forma, oferece a oportunidade do processo de construção da autonomia desses estudantes, já que o professor nesse caso surge apenas como mediador, deixando as decisões nas mãos dos estudantes participantes, segundo o professor Vinícius:

---

<sup>15</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), que oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pibid> ; acesso em 26 de março de 2022.

Todos contribuem com a elaboração e a seleção do material recolhido e analisado. Os momentos da elaboração do material produzem nos estudantes um acolhimento maior do conhecimento, bem como, o encontro dos conteúdos das disciplinas e seus conceitos com sua realidade social e familiar. A proposta, deste modo, é que, por meio dessa atividade possa surgir um debate acompanhado de uma reflexão social, deixando à responsabilidade deles a pesquisa sobre o tema sugerido. Isso é um incentivo à elaboração de um conhecimento autônomo. (SOUZA, 2020, p. 772)

Produzidos de uma forma muito simples, a cada edição, o InfoZine reúne informações variadas sobre um mesmo tema, desenhos, textos, relatos, charges, trechos de música, entre outros<sup>16</sup>. Em entrevista<sup>17</sup> realizada com o professor Vinícius em março de 2022, ele conta que o InfoZine começou no final de 2015 e se tornou mais presente no cotidiano da escola a partir de 2016, com a presença do PIBID na escola, com os estagiários do curso de Licenciatura em Filosofia da UnB, que passaram a estar mais presentes na escola e a ajudaram a pensar outros projetos. Até o momento, a escola contava com projetos de rádio e sala de cinema, espaços que eram utilizados para projetos diversos, e o zine era um desses projetos (informação verbal)<sup>18</sup>:

Então dessa gama de projetos que o PIBID possibilitou desenvolver, surgiu o zine, que passou a ser uma ferramenta mais usada no dia a dia da sala de aula, e daí começamos a pensar como fazer essas edições em um primeiro momento de dois em dois meses, depois pensamos essa edição mais mensalmente, como os alunos poderiam contribuir com as tiragens, com os diferentes temas e como pensá-los para que os envolvessem a participar do projeto, então tudo isso era pensado de forma muito coletiva, tanto com os *pibidianos*, quando com os alunos, e a equipe editorial do zine que era composta por alunos. (SOUZA, 2022)

Nas três primeiras edições, os professores da escola participavam mais ativamente na produção de conteúdo, mas com o surgimento das novas edições e com a quantidade de material recebido, os responsáveis pelo projeto decidiram centrar as edições seguintes nos estudantes, foi então que passou a ser uma publicação dos alunos, dos diferentes anos do Ensino Médio, uma construção coletiva dos adolescentes. Conforme relatou o professor Vinícius, no início os estudantes estavam tímidos e não sabiam muito bem como participar, mas logo depois que eles começaram a visualizar o artefato pronto, ao perceberem a

---

<sup>16</sup> Ver anexos na página 60.

<sup>17</sup> As entrevistas realizadas para a elaboração deste TCC se deram de forma oral e seguiram parâmetros presentes nas entrevistas narrativas que, segundo Muylaert (2014, p. 194), “se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional”.

<sup>18</sup> Entrevista concedida por SOUZA, Vinícius Silva de. Entrevista I [03.2022]. Entrevistador: Elisa de Freitas Mendes, 2022. Arquivo mp3 (1h11 min).

mobilização em torno do zine, a se enxergarem ali, o projeto foi crescendo: “no início nós fazíamos apenas um modelo e no final da minha participação no projeto, tínhamos 4 ou 5 modelos de cada tema para serem produzidos, de tanto material que recebemos e que podia ser aproveitado”, conta Vinícius.

O InfoZine foi se tornando cada vez mais disponível para os estudantes, foi construído um mural na escola, inspirado na literatura de cordel, onde o aluno poderia ir ali e escolher o seu zine, de diferentes edições. O projeto então tomava cada vez mais corpo e conquistava mais espaços da escola, além de motivar a participação dos estudantes pouco a pouco. De um simples artefato utilizado como ferramenta pedagógica, o projeto ultrapassou as fronteiras da escola, conquistando premiações regionais, reconhecimento perante a comunidade escolar do DF, além de repercutir diretamente na formação dos estudantes que por ele passaram, conforme veremos a seguir.



Mural do Infozine no CEM 01 Paranoá

### 3.2 Conversas com os participantes - dos estudantes ao professor

Para a produção deste TCC, a pesquisa realizada consolidou-se de maneira a buscar a voz dos estudantes que participaram do projeto InfoZine, com o objetivo de obter informações para refletir e discutir sobre a pergunta de partida que motivou a investigação. Para isso, além da entrevista realizada com o proponente do projeto mencionada anteriormente, realizei duas entrevistas de aproximadamente 1 hora de duração cada, no formato virtual, com dois estudantes egressos do projeto InfoZine, ambos foram estudantes no CEM 01 do Paranoá ao longo de todo o Ensino Médio<sup>19</sup>. São eles Álisson José Teotonio, 20 anos, atualmente graduando, pela UnB, em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda (2º Período), e anteriormente foi aluno de Letras na mesma instituição, especificamente em Língua Português e Respectiva Literatura (LIP), participou do InfoZine nos anos de 2017 (ano que entrou no Ensino Médio) e 2018; e Brenda Gabrielle Tavares de Sales, 22 anos, formada em Letras Português do Brasil como segunda língua pela UnB, atualmente graduanda em Letras - Tradução Inglês na mesma instituição, possui Especialização em Humanidades e Linguagens pelo Instituto Federal de Brasília, participou do InfoZine entre os anos de 2014 e 2016, e atualmente é professora temporária de Português na Secretaria de Educação do DF, na regional do Paranoá.

Nas falas dos dois estudantes egressos, é possível perceber o encantamento com o objeto do zine, a satisfação ao perceber que realizaram algo de forma autoral e ao mesmo tempo coletiva, a noção do conceito de autonomia perpassando por todo o processo de produção e o impacto direto em suas formações enquanto discentes e cidadãos. Para o estudante Álisson (informação verbal)<sup>20</sup>:

Era um meio de comunicação onde a cada edição havia um novo tema sobre uma pauta social, e como o colégio era uma escola pública, havia uma pluralidade de pessoas, então eu via como uma forma de expressar nossas leituras de mundo, de compartilhar nossas ideias com os outros de uma forma lúdica, fácil e acessível. (TEOTONIO, 2022)

Para o egresso, apesar de ter sido um projeto criado pelo professor, ele destaca que a todo momento era dado o espaço para que fosse um projeto construído pelos estudantes com

---

<sup>19</sup> Os três entrevistados autorizaram a publicação das entrevistas, bem como as concederam por livre e espontânea vontade.

<sup>20</sup> Entrevista concedida por TEOTONIO, Álisson José. Entrevista I [03.2022]. Entrevistador: Elisa de Freitas Mendes, 2022. Arquivo mp3 (42 min).



o professor, “tinha esse espaço para nós como autores”, diz Álisson. Já Brenda ressaltava a importância de ter sido convidada a participar do projeto mais ativamente na parte da seleção e edição do conteúdo que estaria presente a cada edição do InfoZine (informação verbal)<sup>21</sup>:

Eu não desenhava, não tenho esse dom, eu também não escrevia, era um pouco por fora das atualidades. Quando recebi o convite para participar mesmo, fiquei muito feliz de fazer parte da equipe de montagem, foi algo muito legal, eu gostava bastante de ler e acompanhar o zine, e agora eu estava no processo, dando a finalização do zine. Eu percebi que realmente estava fazendo parte, colaborando com a edição, ver os desenhos, o material recebido, você percebe a riqueza que existe dentro das escolas. A escola é um reflexo da sociedade, estamos lá dentro como seres com nossas próprias ideias, valores, e ver o que o pessoal produz é sensacional. (SALES, 2022)

Reconhecer a importância de recursos artísticos e do fazer artístico - a experiência colocada em prática, lembrando Dewey - no processo de aprendizagem foi algo que também surgiu nas falas dos estudantes entrevistados, pensando o zine como suporte.

Eu acho que esse momento que nós nos dedicamos ao zine, de expressar nossos dons artísticos, era uma forma mesmo de libertação, não tínhamos medo de nos expressar, e acabava saindo daquela metodologia aburrida que é normal no Ensino Médio com o vestibular, com as matérias mais pesadas, que muitas vezes as pessoas não se identificam. E a disciplina de Artes, por exemplo, é infelizmente muito marginalizada no próprio currículo criado pelo MEC e também muito desvalorizada na própria escola, tem professores que acham que aula de artes ou atividades artísticas são só perda de tempo, pra encher o tempo na grade, e não é isso. E o processo do InfoZine era a atividade que mais trabalhávamos os momentos artísticos, e na aula de Artes não tinha espaço pra isso, porque era tudo voltado para vestibular e provas, então ficávamos muito voltados para a história da arte e teorias, e a prática, que é essencial para essa disciplina, acabou, ficava negligenciada. Isso não é uma crítica aos professores, porque acho que eles eram reféns disso também, e não encontram tempo para explorar essa prática. Mas o InfoZine lá na escola era uma das atividades que a gente tinha esse espaço, de produzir mesmo, de colocar na prática esse fazer artístico. (TEOTONIO, 2022)

Para a ex-aluna Brenda, que hoje também atua como professora, o zine funcionou como uma ferramenta pedagógica que possibilitou a construção de novos aprendizados.

O zine é um gancho, uma ambientação para passar um conteúdo. Eu acho que, como aluna, eu via muito que me instigava mais do que outras formas de conhecer. Eu vejo hoje, como professora, que tem muito a complementar na educação, na prática pedagógica, porque eu acredito que o conhecimento nós construímos, e ele tem que partir de um lugar, tem que ter um esboço. E o zine era isso, porque você tem partes que no geral você vê e estão relacionadas com o todo, na edição nós fazíamos isso, juntar essas partes. O aluno que produziu aquela imagem, ele se reconhece mais, ele se vê no todo que é o zine. Eu vejo muito em Paulo Freire essa noção de que aquele conhecimento que você tem, ele é válido para a construção de um outro conhecimento, o aluno não é uma tábula rasa, você vem de algum lugar

---

<sup>21</sup> Entrevista concedida por SALES, Brenda Gabrielle Tavares de. Entrevista I [03.2022]. Entrevistador: Elisa de Freitas Mendes, 2022. Arquivo mp3 (53 min).

quando entra na escola, tem uma construção familiar, uma base, você não está solto, está presente na vida, aprende muita coisa antes de entrar na escola. Nós temos muito para construir e agregar com o que conhecemos, e o pouquinho de cada um faz sentido na construção do todo, e o zine é um exemplo bem interessante sobre isso. (SALES, 2022)

Ainda sobre o zine como ferramenta pedagógica, os estudantes entrevistados ressaltam que nunca tinham ouvido falar nesse artefato, até o momento que conheceram o projeto na escola.

Eu enxergo que não é muito reconhecido, essa metodologia de aprendizagem, de certa forma é marginalizada, negligenciada. Tanto que eu só soube mesmo desse tipo de produção porque eu tive aula com o professor Vinícius, talvez se tivesse em outra escola, até hoje eu não teria conhecimento do que é um zine. Eu vejo o zine ainda muito silenciado, não tem uma presença. Mas como eu tive a oportunidade de ter acesso a essa ferramenta, eu vejo que o InfoZine de fato é uma nova proposta de pedagogia. Saindo mais daquela relação professor em pé no quadro, aluno calado na carteira, há uma troca genuína quando o aluno e o professor estão empenhados na produção do zine. Eu acho muito legal essa interação de não colocar uma hierarquia na estrutura do colégio, é uma coisa mais horizontal, onde aluno e professor conseguem dialogar, e eu não falo só sobre o professor Vinícius, mas também dos outros professores que apoiavam essa didática. Eu acho o InfoZine uma ferramenta a ser usada, investigada, explorada na hora de explicar, ensinar o aluno sobre alguma matéria. (TEOTONIO, 2022)

As entrevistas caminharam para conversas a respeito da pergunta de partida deste trabalho, quando convidados a refletir sobre como avaliavam a sua participação no projeto em relação à construção da autonomia no ensino escolar. Os ex-alunos comentam a partir de diferentes perspectivas, para Brenda o processo de construção da autonomia esteve mais conectado com a produção coletiva do zine, por estar engajada na edição do material dos colegas, de perceber que estavam construindo algo em conjunto.

Eu acredito que essa questão de se apoderar daquilo que tem dentro de você, do seu conhecimento, é muito importante na concepção de aprender, de estar ali presente em sala. É interessante para qualquer tipo de ensino levar isso para o aluno, porque ele pode se assustar quando chega na escola, com tanta informação e nomenclaturas, mas o estudante sabe de algo, ele tem algo a contribuir. E no InfoZine você sempre tinha algo a contribuir, não precisa ser uma obra de arte, pode ser que você conheça uma música sobre a temática da edição, pode ser um relato pessoal, pode ser uma sugestão de filme que você viu sobre o tema, e partir disso podemos construir algo. Então a nossa autonomia vem muito disso, primeiramente de reconhecer que você pode, que você sabe, que você consegue, que você tem algo a compartilhar. O zine traz uma proximidade, porque parece algo simples, feito de papel e canetinha, cortar e colar, só que no final você traz uma temática complexa, como o feminismo, por exemplo. O zine é como um mapa mental, uma ideia vai puxando a outra, tal imagem se casa com esse trecho de música, esse relato traz força para esse artigo desse site, e coisas assim que no todo fazem sentido, e representam muito isso de ver que você sabe, que você consegue. Tomar iniciativa,

construir algo pelo seu saber, é válido na construção do zine e de qualquer outro conhecimento. Eu vejo muito da relação da autonomia nesse processo do zine. (SALES, 2022)

Já para Álisson, o momento da pesquisa sobre o tema da edição era o que gerava essa maior sensação de construção da autonomia no ensino, de se dar conta de seus próprios movimentos de busca e reflexão sobre um assunto. Para Álisson:

Depois que o professor Vinícius nos mostrava o novo tema da edição ele dizia: agora produzam o que vocês quiserem! Nesse momento de nós produzirmos é que entrava mais no momento de autonomia do estudante, na minha opinião. Porque nós parávamos um tempo, refletimos, ou ia pesquisar alguma coisa na internet para se influenciar, então esse era um momento em que normalmente precisava de um professor segurando a nossa mão, mas não, nós tínhamos essa autonomia de ser o nosso momento de pesquisar, porque eu estou na formação de ser em breve um estudante universitário, porque quando estiver na faculdade não vamos ter um professor pegando na nossa mão, então tínhamos que ter essa autonomia mesmo. Durante a pesquisa era o momento de estar entre a gente, refletindo sobre o tema, criando esse senso crítico sobre o tema, então eu vejo a autonomia do estudante principalmente nesse ponto. (TEOTONIO, 2022)

Em entrevista com o professor Vinícius, foi possível também reconhecer a importância da implementação dessa prática pedagógica como um projeto da escola e não apenas uma atividade extracurricular, sem regularidade e sem objetivos. A ideia de criar um projeto como o InfoZine surgiu da reflexão do professor sobre as aulas de Filosofia que, segundo ele, estavam muito teóricas e criavam uma certa monotonia para o adolescente. Foi a partir daí que o professor começou a buscar maneiras de fazer com que os estudantes pensassem a realidade onde eles viviam e como eles poderiam contribuir dessa forma. Então, durante as aulas de Filosofia, em conjunto com os estudantes, começaram a pensar em produzir zines a partir de temas pensados pelo professor ou ainda aqueles que surgiram a partir do debate em sala de aula. Na entrevista, o professor Vinícius conta um pouco sobre essa experiência em sala de aula:

Uma atividade que eu gostava de fazer com eles depois que estudávamos um determinado tema, por exemplo, íamos falar sobre "liberdade", depois que nós estudávamos a teoria do tema, eu dividia a sala em grupos misturados em círculos, e produziam um zine coletivo, começando com um aluno e depois ia rodando no grupo, eu fazia questão que eles assinassem, porque quando o zine chegasse ao final, depois de rodar entre todos, o seu colega ia poder ver, reconhecer o que cada um tinha colocado no zine. O estudante era livre para produzir porque ali era o material deles, não passava muito por aquele critério de eu dar uma nota, a nota que eu avaliava o estudante era pelo simples ato dele contribuir com o zine, com alguma forma de expressão daquele determinado tema. (SOUZA, 2022)

No intuito de construir algo coletivo com os estudantes, o professor tentava não ficar com o material produzido por eles para o zine, para que esse material se tornasse público. Depois de juntar esse material e selecionar em grupo, havia o momento da distribuição dos zines na escola, que fazia toda a diferença nesse processo. Produzir um fanzine em conjunto com outros colegas não aguça somente a ideia de autorialidade e criatividade do indivíduo, mas também a sensação de fazer parte de algo, de pertencimento, de construir algo coletivamente, e para isso é de fundamental importância jogar essa produção para o mundo. Além dos espaços da escola, os InfoZines circulavam em alguns eventos culturais da cidade, em atividades relacionadas à Secretaria de Educação do DF, e também por meio dos estudantes, que por vontade própria levavam os zines para suas casas, pontos de ônibus, para a sua comunidade de forma geral.

Em relação a aplicação de um projeto dessa natureza no Ensino Médio da rede pública de ensino, o professor considera que há atualmente cada vez mais espaço para ideias como essas. Apesar de ter sido um crítico à implementação do Novo Ensino Médio<sup>22</sup> no Distrito Federal, o professor considera hoje que há aberturas possíveis para a elaboração de projetos como o InfoZine.

Eu vejo que o Ensino Médio, agora principalmente passa por uma mudança, uma transformação, da qual eu fiz questão de ser contra em 2017, até pela estrutura política, pelo contexto político que nós vivíamos na época, fruto do golpe que a presidente Dilma sofreu, então tudo isso me levou a lutar muito contra essa transformação a qual o Ensino Médio passa hoje. E ela foi aprovada, a BNCC é uma lei e ela vai ser aplicada esse ano. Eu fui convidado a participar das construções de diretrizes do Novo Ensino Médio aqui no DF e eu vi que se eu não fizesse, outras pessoas, fariam, então porque não usar desse espaço agora, do qual eu lutei tanto contra, para que ele tivesse uma cara mais humana e mais filosófica, e que fosse pensado de forma coletiva, e que eu fizesse parte disso, do que ela ser imposta ou ter uma outra interpretação da qual eu não poderia fazer parte, pois até o momento eu só estava ali como um crítico ferrenho a ela. Nessa nova construção, nessa nova diretriz que eu ajudei a construir nesse novo currículo aqui no DF, eu vejo que ferramentas pedagógicas como o zine são agora mais do que possíveis, são realizáveis. Agora, por exemplo, nós temos tanto a Formação Geral Básica como os Itinerários formativos, e eu tinha que pensar o zine no meu horário de coordenação, ou em um contra horário para fazer o zine, porque eu tinha que dar um determinado conteúdo e esse conteúdo tinha que ser desenvolvido durante a aula, então eu tinha que fazer um malabarismo muito grande para fazer com que o zine acontecesse e a aula de filosofia ali junto. E agora, no Itinerário Formativo, eu posso pensar o zine dentro da minha carga horária, então essa estrutura burocrática do meu trabalho pode ser conciliada com diferentes ferramentas e propostas pedagógicas dentro do meu trabalho, seja eu como professor de filosofia, seja você enquanto professora de artes. Então o professor pode pensar em outras estruturas pedagógicas fora desse

---

<sup>22</sup> O Novo Ensino Médio é focado no protagonismo e na autonomia dos estudantes, que podem escolher de acordo com as áreas de interesse, facilitando a carreira profissional e a preparação para o mundo do trabalho. No Distrito Federal, o NEM teve início em 2020 por meio de escolas pilotos e deverão ser aplicadas em todas as escolas a partir de 2022, mas ainda de forma progressiva. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/novo-ensino-medio/>; acesso em 27 de março de 2022.

espaço de sala de aula do século 17, 18 que a gente vive hoje. A própria estrutura da escola pode ser modificada com os Itinerários Formativos do Ensino Médio. Na universidade, as diferentes faculdades estão aproveitando muito desse momento para pensar essa proposta, que até então nos foi imposta, mas redefinir essa imposição e trazer ali outros recursos, outras formas de pensar como essa transformação pode ser benéfica, tanto para o estudante como para o professor. (SOUZA, 2022)

Faz parte desse artefato encontrar brechas, está na gênese de sua produção desprogramar certas normas, e esse é precisamente um dos caminhos que podem transformar os zines em um forte aliado no processo de construção da autonomia desses estudantes. Podemos pensar sobre a produção de fanzines a partir da lógica do autor, que o produz individualmente, de forma autoral, e quando expandimos essa “fórmula” para a aplicação em sala de aula, o que temos é uma preparação de um terreno, onde cada estudante irá desenvolver seus interesses e habilidades de forma particular, no entanto, a experiência do projeto InfoZine nos mostra que para se pensar a emancipação desses alunos, é preciso esse reconhecimento de si, de estar no mundo, de ser parte da sua comunidade e, portanto, é preciso também fazer parte do coletivo. Ao refletir sobre essas questões na entrevista com Vinícius, podemos pensar sobre o impacto disso tudo no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula, em como necessariamente deve ser um processo de troca, antes de tudo, onde estudante e professor estão constantemente e mutuamente aprendendo e ensinando (FREIRE, 2021). Em sua narrativa, o professor conta que:

Eu conhecia muito, como todo brasileiro apaixonado por educação, o Paulo Freire, e a gente acaba se envolvendo muito com ele em uma perspectiva não só acadêmica como sentimental, emocional, em ver a aula, pensar a aula, e ver como os que fazem uma leitura errada do Paulo Freire nos levam a pensar que uma aula *freireana* é uma aula em que o professor não faz nada, e pelo contrário. Eu me inspirei muito no Freire para pensar essa autonomia do estudante que eu penso que tem que ser construída, principalmente para o estudante do Ensino Médio. A aprendizagem, a autonomia, não é aquela em que o estudante simplesmente do dia para o outro tira de trás da orelha a autonomia, não, ela acontece via um processo de aprendizagem da relação estudante-professor, e é justamente esse processo, essa relação, essa ação da sala de aula que vai no final do seu Ensino Médio e durante construir a autonomia junto ao seu aluno. Então esse processo do zine vinha acompanhado de pensar o estudante, dele assumir a responsabilidade pelo seu corpo - eu sempre dizia para o estudante: não levante a mão para me pedir para ir ao banheiro, você tem autonomia para sair da sala e ir ao banheiro e voltar, eu estou atribuindo a você essa responsabilidade, não me peça isso, não cabe a mim dizer se você está ou não com vontade de ir ao banheiro ou beber água. Eu vejo pequenos momentos da sala de aula, que parecem ser mínimos mas são tão grandiosos dentro dessa estrutura do dia a dia do estudante, então essa autonomia era construída desde o corpo até o processo de consciência do estudante do seu espaço, da sua realidade, de pensar os seus problemas frente ao que temos de história da filosofia e pensamento filosófico. (SOUZA, 2022)

Por meio dessa experiência pedagógica - e também artística, de um fazer e pensar artisticamente sobre algo - o estudante se coloca em uma posição engajada, um compromisso que passa pelo cuidado com a produção do material que está produzindo juntamente aos seus pares, e também pela responsabilidade pelo conteúdo que apresenta ao mundo. Então é uma autonomia que surge também com o senso de responsabilidade. Vinícius fala um pouco sobre isso na entrevista:

Eu fazia questão de no primeiro dia de aula, no primeiro momento com os estudantes, escrever grande no quadro: AUTONOMIA. Eu buscava a origem da palavra, e depois passava por como seria aquela relação da aula, da nossa responsabilidade mútua na sala, que eu não era responsável sozinho por eles, que eles estavam ali também responsáveis por todo aquele momento, por tudo aquilo que acontecia na aula. E lá na ponta final, na produção do zine, essa autonomia acontecia de alguma forma (...) Em alguns momentos eles sentiam a consequência da sua responsabilidade, daquilo que eles poderiam ser, não acusados, mas reconhecidos daquilo que estavam fazendo. Houveram, por exemplo, momentos que a supervisão da escola não interpretou da forma como o aluno interpretou a edição do zine, daí o estudante foi responsabilizado pela edição e ele assumiu, argumentou, se colocou frente ao que a direção estava interpretando daquele posicionamento dele, então eu via muito isso, esse reconhecimento do seu papel enquanto cidadão, de se construir ali junto, fora da sala de aula, com o diálogo, com os outros personagens da escola. Esses reconhecimentos de limite, de responsabilidade por aquilo que fazia, eu acredito que ajudava a construir a sua autonomia, em dizer até mais a frente, a sua autonomia em escolher o que quer ser, enquanto futura profissão, enquanto cidadão brasileiro. (SOUZA, 2022)

O uso dos fanzines em sala de aula surgem então não como um produto final, algo a ser produzido e entregue somente, ele é uma forma material de se compreender esse processo, que é altamente complexo, e tão presente ao longo da adolescência e da vida escolar, que é essa independência que vai sendo construída nesse percurso da vida.

### *3.3 Desdobramentos - até onde pode chegar um zine?*

Uma folha de papel A4 dobrada e fotocopiada, trazendo informações verbo-visuais diversas. Até onde vai um artefato tão simples? Com execução, produção de conteúdo, edição e distribuição feita pelos próprios estudantes, o InfoZine conseguiu realizar grandes feitos em sua comunidade. A grande diferença está justamente em ser algo que só pode existir com a força produtiva dos alunos e alunas. Os desdobramentos do projeto foram diversos, dos quais destaco alguns. Em 2019, o projeto recebeu moção de louvor na Câmara Legislativa do DF, sendo reconhecido pelo deputado distrital Leandro Grass (Rede) como uma das práticas

inovadoras na educação pública do Distrito Federal<sup>23</sup>, o que rendeu uma premiação no valor de 50 mil reais para o projeto, valor este convertido em uma sala InfoZine, dedicada ao projeto, que será inaugurada em breve na escola, conforme conta o professor Vinícius (SOUZA, 2022), “teve esse reconhecimento financeiro pela forma como o zine aconteceu, como chegou à Câmara Legislativa, que foi via comunidade, pessoas que moravam no Paranoá levaram isso ao deputado, e isso me marcou muito”. Para além dos muros da escola, o projeto passou também por duas feiras de publicações independentes, a Feira Dente em Brasília e a feira e-cêntrica<sup>24</sup>, em Goiânia. Em Brasília, na Feira Dente, os alunos também colaboraram ativamente, cuidando da banca do InfoZine e também participando de mesas de debate e oficinas, como parte da programação do evento. Vinícius também menciona que, nessas ocasiões, muitos professores conheceram o projeto e se inspiraram nessa prática do zine. Houveram também as participações no Circuito de Ciências das Escolas Públicas da Secretaria de Educação do DF, sendo que em 2018 teve o projeto publicado no documento Diálogo de Ciências. O projeto também circulou pela Universidade de Brasília, com oficinas e mostras de zines para os alunos do PIBID. Sobre esses momentos, Vinícius conta que o maior incentivo era estar ali não como professor somente: “eu só estou como facilitador, é um trabalho coletivo, ele tem a participação contínua desse estudante até mesmo em explicar e dizer como é o projeto” (SOUZA, 2022).

Além das repercussões no crescimento e expansão do projeto dentro e fora da escola, em um âmbito mais particular, o InfoZine também reverberou diretamente na vida dos estudantes que por ele passaram, e isso fica muito claro nas falas dos ex-alunos entrevistados.

O zine é um ótimo recurso, a produção, o pensamento de elaborar um zine, é uma ferramenta super válida, se os alunos e professores se propõem a fazer, só o professor não funciona. A ideia das partes para o todo é muito interessante, em qualquer disciplina, seja em um projeto, avaliação, trabalho em grupo, qualquer coisa do tipo. Na escola estamos lá para estudar e só, quando saímos é que temos noção da amplitude da escola, todas as relações que construímos como ser humano, você está todo dia ali lidando com todos, uma sociedade dentro da sociedade, enfim. E o zine foi muito importante ali porque eu conheci muita coisa que não conhecia, que não tinha acesso, até conhecimento cultural, autoral dentro da escola, outros colegas que eu nem sabia que desenhavam bem, ou que escreviam bem, relatos muito legais, e isso era conhecer a realidade da escola, onde eu estudo, onde eu estou. Eu já pensava em fazer Letras, e pensava que no futuro esse seria meu campo, atuar na escola pública, e eu entendo a minha comunidade, quem eu sou. Mas mesmo eu sendo da escola pública, muita coisa eu fui conhecendo mesmo pelo zine, a realidade de muitos colegas, conhecimento sobre bastante coisa, aguçar minha criatividade - o zine é muito visual, quando víamos o final, tem o lance de

---

<sup>23</sup> Disponível em <https://www.cl.df.gov.br/-/praticas-inovadoras-em-educacao-sao-destaque-na-cldf>; acesso em 28 de março de 2022.

<sup>24</sup> Feira dedicada a autores independentes, coletivos criativos, pequenas editoras e artistas gráficos de Goiás e do Distrito Federal, com venda e exposição de livros, zines, HQs e artes gráficas <<https://e-centrica.org/>>

juntar, encaixar, quando abria tinha imagens, desenhos lindos com textos, têm um impacto. Ver a construção disso é muito legal, para a minha formação foi muito importante. e o lado social também, a gente participou com o zine em atividades extracurriculares, eu gostava bastante de interagir entre o grupo, com os alunos da tarde, e também quando o projeto começou a ser divulgado, a gente começou a ir em feiras, eu nunca tinha ido em feira de ciência, fomos em feiras regionais também. Quando eu era pequena eu sempre ia na feira do livro e na feira de ciências, sempre amei, e quando eu fui com o zine, que eu era expositora, tinha uma crachá com o meu nome, decoramos o estande, tínhamos que apresentar e falar sobre o projeto, foi muito legal, quando eu era criança não imaginava que um dia poderia estar ali. Na feira regional foi legal também, nós levamos o projeto para uma outra escola da regional do Paranoá e apresentamos o zine para outros alunos do Ensino Fundamental. Foi muito diferente levar para outra escola, não imaginávamos que teria essa dimensão, é diferente entregar no pátio da nossa escola, e nessa experiência também nós levamos revistas, canetinhas, papéis, daí quem quisesse lá na hora poderia montar o seu próprio zine, e as crianças fazendo, foi muito legal, curtimos demais esse dia, era lindo ver eles produzindo, pensar que estamos construindo algo na nossa escola do Ensino Médio e já está chegando em outra escola. (SALES, 2022)

Podemos observar a partir desse relato a repercussão do projeto na vida da egressa, enquanto produtora, tanto na participação da edição dos zines, como também nos eventos relacionados a eles. Voltando novamente à pergunta de partida, é interessante observar como a noção de autonomia pode surgir de formas variadas a partir do zine como projeto. Essa construção pode vir desde a produção do artefato em si, então passando pela pesquisa, pela produção de conteúdo, como também pela edição e divulgação desse material, e até mesmo pela responsabilidade que isso gera nos estudantes, conforme a fala do professor Vinícius anteriormente. Para Álisson, o projeto contribuiu para a sua formação como indivíduo:

Além de contribuir para a minha formação escolar, contribuiu para a minha formação como cidadão. Quando entrei no Ensino Médio eu era completamente leigo na temática da política, era um assunto que eu não tinha vontade nem interesse, eu era completamente analfabeto na questão política. E o professor Vinícius sempre se mostrou como um professor militante e eu me vi muito representado por ele. No segundo ano foi quando eu comecei a estudar muito política com a professora de sociologia, e foi quando virou a chave, “não é tão complicado, é um assunto legal de estudar”, e a partir disso eu comecei a me envolver em movimentos políticos e sociais. Hoje eu participo do movimento Jovens pelo Clima, que é um movimento ecossocialista e é justamente por isso que eu falei que o InfoZine me ajudou na minha formação como cidadão, porque como o projeto incentivava os alunos a interagirem uns com os outros, a discutirem, a colocarem em prática de verdade, isso eu acho que refletiu muito no que sou hoje, de me movimentar em debates mesmo, seja em manifestações, em espaços físicos ou não. Por isso que falei que foi muito importante, para não ser uma pessoa passiva, só ficar esperando tudo, para colocar a mão na massa mesmo, dialogar e ter contato com outras pessoas. E na perspectiva da formação acadêmica, eu vejo que o InfoZine abriu muito espaço, como eu falei, eu fazia Letras e eu passei o Ensino Médio todo falando que ia estudar Letras para ser professor de português, é uma profissão que eu respeito muito, é a profissão mais importante na nossa sociedade. Como eu tinha essa inspiração de ser professor eu pensava “nossa, quando eu for professor, eu vou fazer atividades desse tipo”, abrir espaços quando eu for professor



para atividades nessa mesma linha, para interagir os alunos, entre eles e com os professores, criar um ambiente legal de aprendizado. Então eu vejo o Infozine muito por essas perspectivas. (TEOTONIO, 2022)

A contribuição do projeto na formação individual de cada um não ocorreu apenas entre os estudantes. Para o professor também houveram impactos direto em sua formação, expandido o uso e apropriação dessa ferramenta pedagógica para além do projeto InfoZine.

Eu comecei a ver o zine como uma ferramenta que poderia ser usada por diferentes áreas, por diferentes conteúdos. Como formador da EAPE<sup>25</sup> eu comecei a pensar o zine na Educação Infantil, como isso poderia ser um recurso logo no início da pandemia, como o estudante a distância, nas aulas remotas, poderia começar a construir o seu entendimento da aula, daí eu vi que poderia ser uma ferramenta pedagógica que poderia acontecer de forma coletiva no sentido de como pensar a sala de aula, como diferentes estudantes poderiam contribuir nessa construção do seu conhecimento, até enquanto um recurso como oficina. Eu sei que tendemos muito a ver o zine como uma produção sua, pessoal, que você depois distribui ou mesmo comercializa, ele tem um determinada estética, e quando esse zine vira uma ferramenta coletiva, em que ele não é mais só seu, do artista, e sim daquele coletivo, ele representa muito aquele espaço social, ele representa muito o que as diferentes pessoas estão entendendo daquele determinado conhecimento. Eu vejo muito como ferramenta pedagógica, essa construção desse conhecimento coletivo visualmente alcançado, por ele não ser um conhecimento individual, por ele ser ali compartilhado. Eu via em alguns momentos na cara dos adolescentes, como vinha aquele silêncio contemplativo em pegar o zine, abrir e ver o que os diferentes colegas colocaram, então ali eu via realmente o conhecimento acontecendo, eu via que esses momentos eram muito interessantes de serem pensados e produzidos, eles não aconteciam simplesmente por acontecer, acontecia porque havia uma preparação, havia um conhecimento em saber como era a ferramenta, como deveria ser produzido, como deveriam investigar aquele tema, como não eram proibido de usar o celular para pesquisar, como ele poderia ver uma imagem e copia-la e dizer o nome do artista, então ele estava conhecendo um artista pela imagem, isso era muito legal. Isso eu via que era aquele conhecimento acontecendo no qual ele não era mais aluno do Fundamental, ele agora é um aluno do Ensino Médio e ele precisava entender como eram momentos diferentes da vida dele, e como ele agora poderia se entender enquanto não mais um indivíduo sozinho no mundo, e sim um indivíduo que estava dentro de um determinado espaço social, um grupo, em relação às outras pessoas, eu vi isso acontecer e me incentivava cada vez mais a continuar, por mais que em alguns momentos tenha sido difícil. (SOUZA, 2022)

Nas entrevistas falamos também de algumas edições de destaque, as quais menciono aqui como fechamento dessa parte do trabalho. Na fala dos três entrevistados, tiveram menções semelhantes. Destaco aqui a edição do InfoZine sobre gravidez na adolescência, tema muito delicado, que foi trabalhado por meio de relatos de adolescentes que estavam grávidas na escola, além de outras contribuições. Segundo o professor, havia 12 meninas grávidas na escola naquele período e muitas contribuíram de forma anônima com suas histórias. Após a publicação do zine, uma das adolescentes grávida procurou o professor para

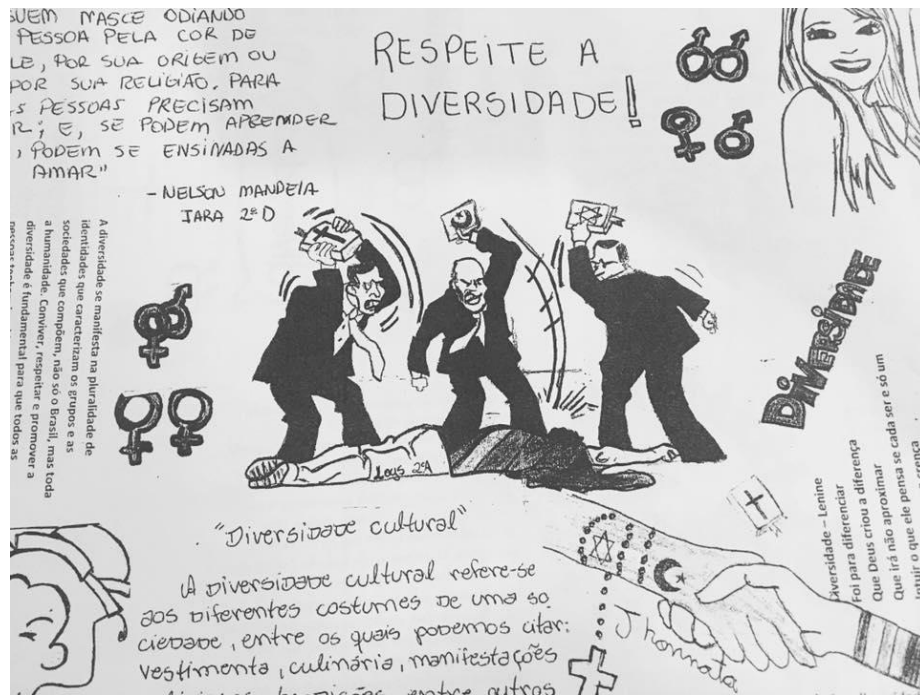
---

<sup>25</sup> Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação, da Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação, Governo do Distrito Federal.

questionar o porquê dele ter publicado a sua história no zine, sem a sua autorização. No entanto, a aluna leu um relato de outra colega e se enxergou tanto no relato da outra, que pensou que de fato era a sua própria história. Outra edição citada foram com temas dedicados ao combate a homofobia, valorização da diversidade e comunidade LGBTQIA+. Em uma dessas edições, uma aluna evangélica levou como contribuição para o zine uma charge, na imagem líderes e pastores religiosos agrediam uma pessoa deitada no chão com a bandeira do arco-íris (símbolo da comunidade LGBTQIA+), usando símbolos de suas respectivas religiões como “armas”, uma metáfora para a violência e discriminação. Houveram reclamações do corpo docente da escola e a edição foi proibida de circular.

Eu nunca estou sozinho, então chamei os alunos, tanto a que entregou a arte como os alunos do corpo editorial, estávamos todos juntos. Fomos na direção, conversamos, modificamos o zine como ela queria para poder ser liberado, não fizemos o que ela impôs, mas houve um diálogo para ajustar. Mesmo fazendo as alterações que foram solicitadas, eles continuaram contra e fizeram uma queixa contra o meu trabalho. Eu não cheguei a ser penalizado, mas o projeto teve um registro de queixa oficial na escola, por parte da equipe da escola e não dos alunos. Isso não interferiu no projeto porque eu simplesmente continuei fazendo o que eu já fazia. Foi marcante porque nunca houve um registro positivo sobre o InfoZine da parte dos docentes, o livro de registro da escola normalmente serve como livros punitivos, registro de problema, de erro, ele nunca é o contrário. Então ver agora a escola com um registro físico do zine é fantástico, está lá a sala InfoZine, o projeto foi reconhecido. São esses registros que me dizem “valeu a pena continuar”. (SOUZA, 2022)

Encontro no InfoZine um exemplo a ser seguido como futura docente, que vai ao encontro das práticas educativas que me interessam e que acredito ser relevante para o ensino público de qualidade. As conversas com os três entrevistados elucidaram e afirmaram o zine como um instrumento a ser usado, e que reflete na prática o caminho trilhado inclusive por Paulo Freire, de que o processo de ensino e aprendizagem deve abrir portas para a construção dos saberes, individuais e coletivos.



Interior de uma das edições do Infoline sobre a comunidade LGBTQIA+

## 4. Conclusão

### 4.1 Resultados - a materialização da prática artística

O objetivo dessa pesquisa foi investigar o uso dos zines em sala de aula e suas possibilidades. Acredito que através do projeto InfoZine pude traçar algumas linhas de reflexão acerca do uso desse artefato como uma oportunidade extraordinária para a experimentação em todas as fases do ensino escolar, não só no campo das artes visuais, mas em outras disciplinas também e até mesmo de forma transdisciplinar, seguindo inclusive os caminhos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>26</sup>. Atualmente, as decisões pedagógicas da educação brasileira devem estar orientadas para o desenvolvimento das competências estabelecidas na BNCC, que atuam na mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana (BRASIL, 2018). Dessa forma, entre tantas outras diretrizes, propõe superar a fragmentação disciplinar do conhecimento e estimular o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida. Em relação ao Ensino Médio especificamente, está presente na BNCC a seguinte orientação:

Considerar que há muitas juventudes implica organizar uma escola que acolha as diversidades, promovendo, de modo intencional e permanente, o respeito à pessoa humana e aos seus direitos. E mais, que garanta aos estudantes ser protagonistas de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem. Significa, nesse sentido, assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu projeto de vida, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos. Para formar esses jovens como sujeitos críticos, criativos, autônomos e responsáveis, cabe às escolas de Ensino Médio proporcionar experiências e processos que lhes garantam as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas. (BRASIL, 2018, p. 463)

Se pensarmos em projetos que utilizam os zines em sala de aula, podemos perceber com clareza que são instrumentos pedagógicos que contribuem para essa nova formação

---

<sup>26</sup> A BNCC é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Disponível em [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf); Acesso em 20 de abril de 2022.

escolar, mais atual e de acordo com o ensino do século XXI. Dentre tantos outros aspectos presentes na BNCC que justificam essa afirmação, destaco que esse artefato se encaixa na ideia base de que o ensino não deve ser fracionado em disciplinas e conteúdos específicos, deve portanto operar de forma transdisciplinar, abordando temas variados, passando por diferentes matrizes do conhecimento e por competências básicas. Há um grande potencial em projetos que utilizam os zines em sala de aula no que diz respeito ao trabalho colaborativo entre professores, membros do corpo escolar, e inclusive entre a comunidade exterior à escola. Estabelecer esse tipo de parceria potencializa os processos de aprendizagem, que valem a tentativa e o esforço por parte das professoras e professores.

O InfoZine parte dessa perspectiva transdisciplinar e comunitária, ao se apresentar como um artefato que combina o fazer artístico com a prática da escrita, e que gera reflexão sobre temas diversos de nossa contemporaneidade, caminhando por disciplinas e conteúdos de forma transversal. Destaco que é o exercício prático, o *fazer*, na produção do zine nas escolas a característica fundamental para compreendermos todo o trajeto desta pesquisa, pois é essa prática que pode despertar a autonomia do estudante, tanto em sua aprendizagem em sala de aula quanto em sua formação como cidadão. No entanto, não posso afirmar, a partir da minha pergunta de partida, que o uso dos zines é infalível na contribuição do processo de construção de autonomia dos estudantes em idade escolar. Essa pesquisa não faria sequer sentido se orientada dessa maneira. Chego ao final deste trabalho com reflexões e sugestões de como os zines podem contribuir para esse processo.

Enquanto instrumento pedagógico, o zine funciona como artefato visual que cativa os estudantes, não por sua originalidade ou complexidade, até porque se trata de um objeto muito simples, mas por essa qualidade híbrida de abarcar diversas linguagens visuais, conceitos, conteúdos, formas e, principalmente, por embaralhar os limites de antigas estruturas conhecidas dentro do ambiente escolar, onde os estudantes têm pouca ou nenhuma chance de se apresentarem como agentes de sua própria formação. O uso dos zines em sala de aula pode ainda surgir acompanhado de práticas interessantes, as quais sugiro aqui a elaboração de exercícios de narrativas criativas a partir das aprendizagens, tanto no uso da palavra falada e escrita como na imagem, que podem ser incrementados pela ideia de escrita do coletivo, onde os estudantes criem de forma conjunta narrativas verbo-visuais acerca de infinitos temas e pesquisas. Nessa mesma linha, outra proposta é que os estudantes utilizem, por exemplo, o recurso do desenho como meio para a compreensão de certos conteúdos, isto é, que desenhem aquilo que aprendem com a mesma frequência ou ao mesmo tempo em que leem e escrevem o que foi aprendido.

Nesse sentido, podemos considerar os zines como um bom exemplo da materialização da prática artística como experiência, que gera uma compreensão de se estar no mundo, se perceber vivo, criando ideias e coisas. Sugiro portanto que, para além de um instrumento para aprender bem e com autonomia uma complexidade de conhecimentos - que não são necessariamente conhecimentos artísticos - a experiência estética é um espaço de existência, que aponta para a compreensão da arte e do pensamento artístico como uma vivência para a construção da subjetividade. Ou seja, a autoconstrução, a autopoiese, são frutos importantes desse processo de conhecer o mundo, de estar no mundo, por meio dessas experiências.

Além disso, enquanto objeto, os zines sintetizam saberes básicos acerca das noções de práticas educativas para a aprendizagem mencionadas neste trabalho. O conhecimento não surge do nada, é um acúmulo de pequenos saberes, onde todos têm algo a contribuir. Esses pequenos objetos são constituídos de ideias, pensamentos, criações, que talvez se apresentadas em outro formato ou separadamente, não ganhem tanta força, mas ao se cozinhareem juntas, tornam-se uma ferramenta material do que pode ser a potência do trabalho coletivo ou para o coletivo.

#### *4.2 Considerações finais*

Pretendo com essa pesquisa ter contribuído de alguma forma para o reconhecimento do projeto InfoZine dentro da rede pública de ensino do DF, para a ampliação da base de dados de pesquisas relacionadas aos zines como ferramentas pedagógicas no Brasil, e para a reflexão sobre o uso de artefatos artísticos como instrumentos aliados no processo de construção da autonomia dos estudantes na fase escolar. Como desdobramentos, acredito que essa pesquisa pode incentivar outros colegas da graduação a pesquisarem sobre o uso dos zines no ensino regular, os processos de aprendizagem utilizando os zines como suporte, a produção dos zines e como se encaixa nos parâmetros da BNCC, os objetos de aprendizagem no ensino das artes, entre outros.

E para onde vai essa pesquisa? Sem respostas definitivas, penso que pode ser uma contribuição para pensarmos as licenciaturas de modo geral de uma forma mais atualizada, em coerência com os estudantes e com nosso tempo. Ainda que pouco valorizada, vejo a licenciatura em Artes Visuais, especificamente, com um forte potencial para isso, como um campo que pode abraçar essas novas formas de pensar o ensino básico, formando professoras

e professores que saibam elaborar projetos que transitem pelos conhecimentos e competências de forma fluida. A forma de pensar artisticamente, de compreender o mundo através do conhecimento e do fazer artístico, é o que considero a grande chave para isso.

De onde vejo, o ensino das artes no Brasil tem um potencial transgressor e revolucionário, justamente por estar preterido em relação às demais disciplinas, por muitas vezes não saberem dizer prontamente qual a utilidade desta disciplina na escola. Enquanto professores e professoras, cabe a nós nos aproveitarmos dessa desvalorização e ocupar esse espaço da forma mais construtiva possível. Em um sistema de ensino permeado pelos moldes neoliberais, onde cada vez mais criamos técnicos e poucas cabeças pensantes, o ensino das artes nas escolas se apresenta como um discordante, como um espaço de contínua construção, sendo moldado e reformulado o tempo todo por aqueles que o habitam, se tornando um tanto indigesto para o sistema em que vivemos, e por isso imprescindível. É preciso preservar esses espaços, é preciso lutar por eles no ensino público e de qualidade, é preciso permitir experiências e vivências, a construção de um bem viver enquanto coletivo.

## Referências bibliográficas

BEZERRA, Lanna Luiza Silva; MEDEIROS, Yara. **Projeto Zine Itinerante: educomunicação semeando a autonomia na escola.** In XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Caruaru (PE), julho de 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-2055-1.pdf>; Acesso em 21 de março de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

DEWEY, John. **Arte como experiência.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Org.). **A/r/tografia.** Santa Maria: Editora da UFSM, 2013;

FERNÁNDEZ MÉNDEZ, Maria Del Rosario Tatiana. **O evento artístico como pedagogia.** 2015. 321 f., il. Tese (Doutorado em Artes) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2021.

GREEN, Karen. **A Girl's Guide to Taking Over the World: Writings From The Girl Zine Revolution.** Nova Iorque: St. Martin's Griffin, 1997.

HOLTZMAN, Ben; HUGHES, Craig; VAN METER, Kevin. **Do It Yourself and The Movement Beyond Capitalism.** In: *Constituent Imagination.* Estados Unidos: AK Press, 2007.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine.** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1993.

\_\_\_\_\_, Henrique. **Fanzine: comunicação popular e resistência cultural.** In: *Visualidades, Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da UFG,* 2009. Disponível em



<<https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18121/10810>>; Acesso em 21 de março de 2022.

MARANHÃO, Renata Queiroz. **Fanzines na escola: convite à experimentação**. Fortaleza : EdUece, 2012.

MUNIZ, Cellina Rodrigues (Org.). **Fanzines: Autoria, Subjetividade e Invenção de Si**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará. 2010.

MUYLAERT, Camila Junqueira; JÚNIOR, Vicente Sarubbi, GALLO, Paulo Rogério; NETO, Modesto Leite Rolim; REIS, Alberto Olavo Advincola. **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa**. Revista Escola Enfermagem USP 2014; 48(Esp2):193-199. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYct/?lang=pt&format=pdf>>; Acesso em 05 de maio de 2022.

NASCIMENTO, Ioneide Santos do. **Da marginalidade à sala de aula: o fanzine como artefato cultural, educativo e pedagógico**. In: Muniz, Cellina Rodrigues (Org). **Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si**. Fortaleza: edições UFC, 2010. p. 121-133.

PERRY, Mark. **Sniffin' Glue: The Essential Punk Accessory**. Londres: Sanctuary Publishing, 2000.

PINTO, Renato Donisete. **Fanzine na Educação: algumas experiências em sala de aula**. Paraíba: Marca de Fantasia, Série Quiosque 29 - 2a. edição, 2020.

SOUZA, Vinícius Silva de. **7º Diálogo de Ciências 2018**; Disponível em:

<[http://www.educacao.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/02/7o-dialogo-de-ciencias-2018\\_13dez18.pdf](http://www.educacao.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/02/7o-dialogo-de-ciencias-2018_13dez18.pdf)> ; Acesso em 21 de março de 2022.

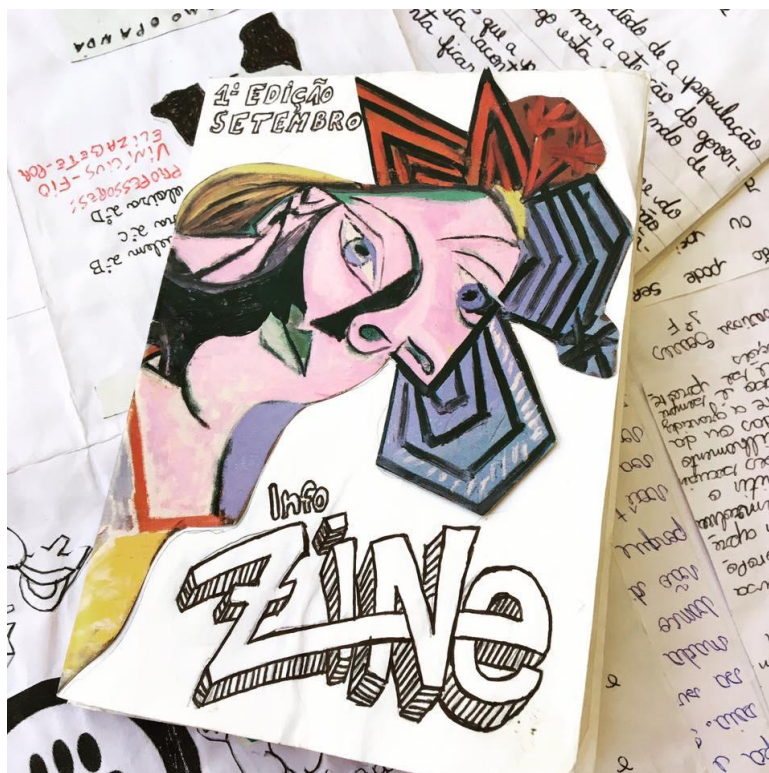
\_\_\_\_\_, Vinícius Silva de. **Infozine: Ensinando a transgredir o conhecimento**. In: VIII Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira. (8.: 2020: Belém, PA), 01 a 04 de dezembro de 2020. Lúcia Isabel da Conceição Silva, Maria da Conceição Rosa Cabral, Michele Borges de Souza, Silvio Santiago Vieira. Organizadores. – Belém: Ed. IEPA, 2020. E-book.

\_\_\_\_\_, Vinícius Silva de; CALAZÃES, Paula C. Moreira; SALDANHA, Patrick; PAULO, Vitória Nara de Freitas. **Derrubando o muro entre a universidade e a escola – Uma palavra da prática do Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, Pibid.** In: PÓLEMOS, Brasília, vol. 5, n. 9-10, jan–dez 2016; Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/1044/41>> ; Acesso em 21 de março de 2022.

TRIGGS, Teal. **Fanzines.** Londres: Editora Thames & Hudson, 2010.



Edições variadas do InfoZine



Capa da matriz de uma edição do InfoZine



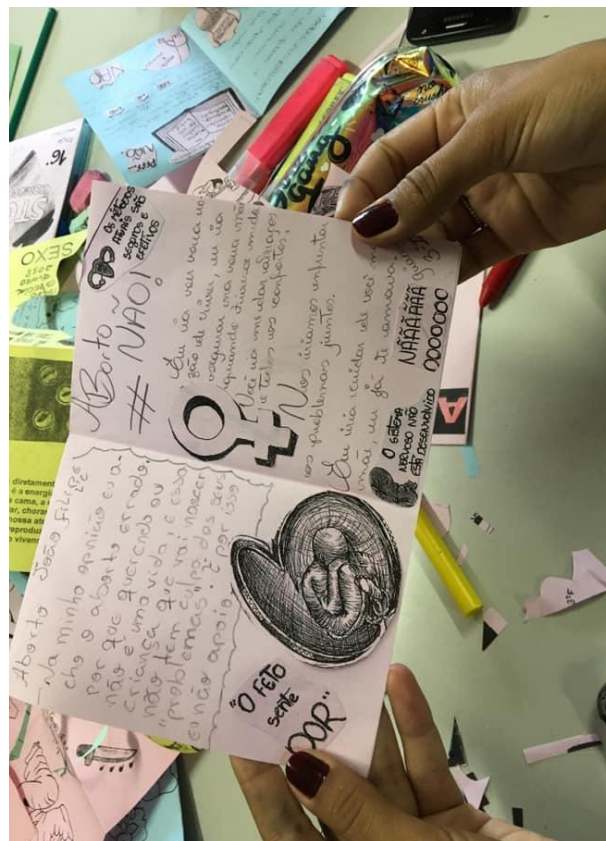
Edição do material para a produção dos InfoZines



Distribuição do InfoZine na escola



Edições variadas do Infozine



Edição do InfoZine

## Apêndice A - Roteiros de entrevistas

### 1. Roteiro de entrevista com os dois egressos do projeto InfoZine:

- Fale sobre a sua experiência pessoal no projeto (como conheceu, como começou a participar, etc.);
- Como foi sua participação no projeto;
- Como enxerga o uso de um recurso artístico como o zine no aprendizado escolar;
- O que pensa sobre o projeto como ferramenta pedagógica;
- Quais foram as reflexões e contribuições do projeto em sua formação?;
- Como você avalia a sua participação no projeto em relação a construção da autonomia no ensino escolar?

### 2. Roteiro de entrevista com o professor proponente do projeto InfoZine:

- Comente sobre o histórico do projeto;
- Comente sobre a aplicação do projeto em sala de aula e na escola;
- Quais foram os desdobramentos e resultados do projeto?;
- Comente sobre sua ideia de construção de autonomia por partes dos estudantes que participaram do projeto;
- Comente sobre o uso do zine como recurso pedagógico;
- Como o zine se encaixa nas diretrizes mais formais do ensino, tais como a BNCC e parâmetros curriculares?;
- Mencione edições do InfoZine que merecem destaque.